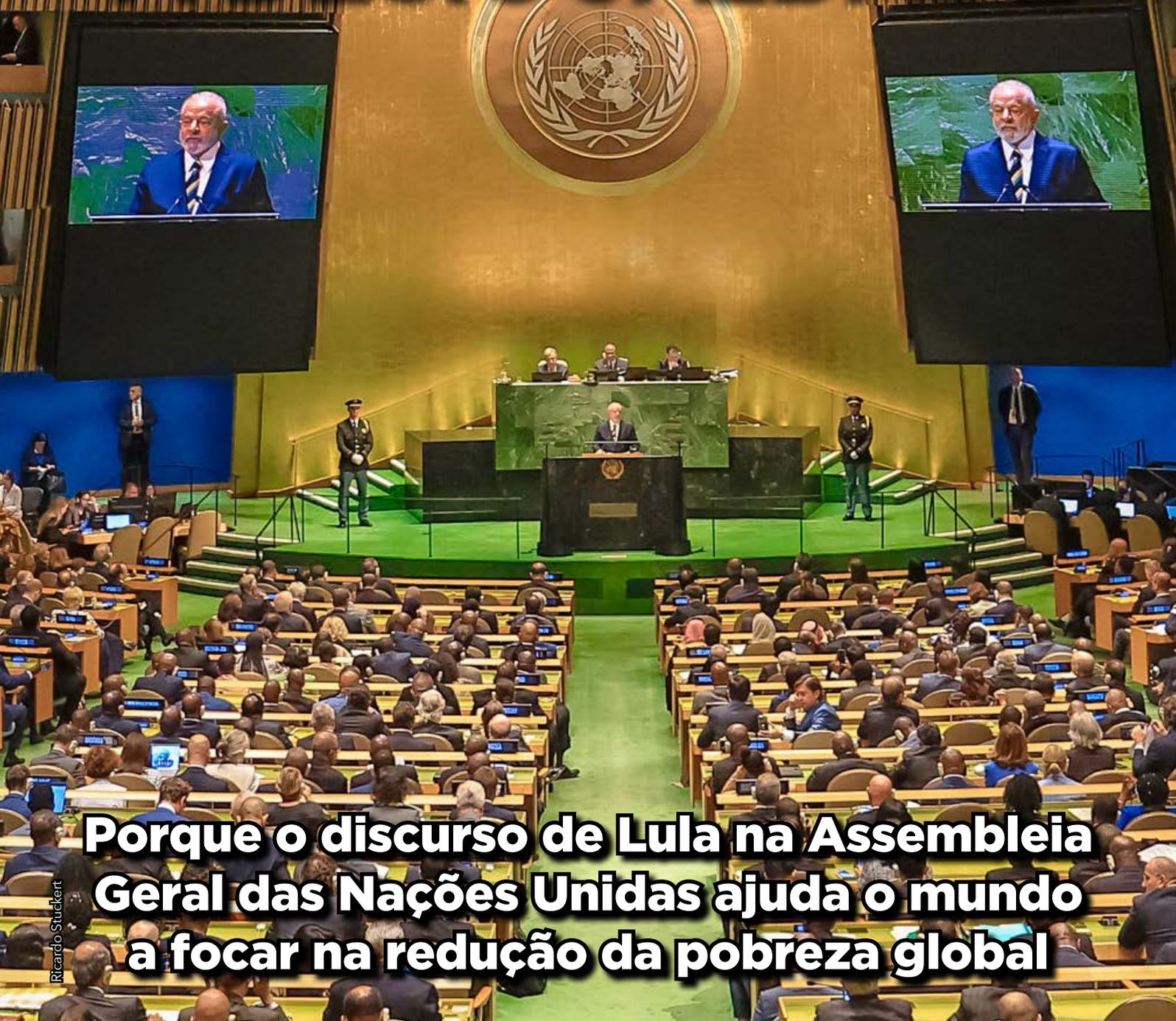


# CRUZADA CONTRA A DESIGUALDADE



**Porque o discurso de Lula na Assembleia Geral das Nações Unidas ajuda o mundo a focar na redução da pobreza global**

Ricardo Stuckert

**focus**  
**BRASIL**

Fundação Perseu Abramo 25 de Setembro de 2023 Nº 114

Cid diz em delação que Bolsonaro consultou cúpula das FFAA

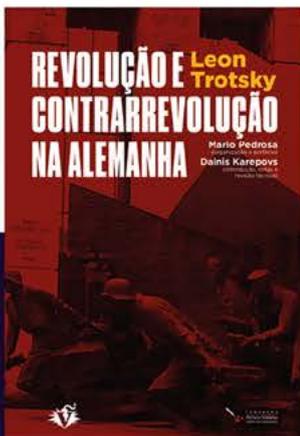
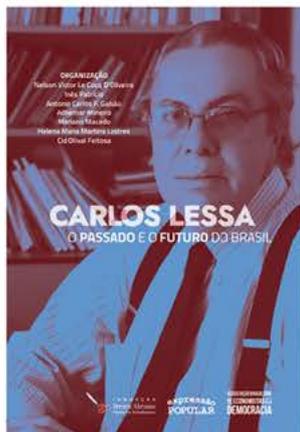
Rogério Lopes diz que reforma tributária é medida justa

Brasil no rumo: PIB deve superar 3% e inflação volta a cair

Haddad: Brasil mostra que é porto seguro para investimentos

A história de 'Across the Universe', obra clássica de Lennon

# CONHEÇA A FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO



## 27 ANOS PRODUZINDO CONHECIMENTO E FORMAÇÃO POLÍTICA

Fundação Perseu Abramo | Formação | Publicações | Memória | Teoria e Debate | Acervo Social | Observa BR

POLÍTICA | ECONOMIA | CULTURA | MEIO AMBIENTE | PÚBLICO | INTERNACIONAL | SOCIAL | PERIFÉRIAS | PODCAST | VÍDEOS | ÁGENDA

### formação FPA

CLIQUE AQUI E ACESSA NOSSOS CURSOS

**REVOLUÇÃO E CONTRARREVOLUÇÃO NA ALEMANHA**  
Leon Trotsky  
Mario Pedrosa  
Dainis Karepovs

LANÇAMENTOS  
Revolução e Contrarrevolução na Alemanha da reedição.

**Conteúdo recente**

- HOMENAGEM**  
Wladimir Pomar presente, agora e sempre!  
Valter Pomar
- HOMENAGEM**  
Wladimir Pomar: perdemos um valeroso militante da esquerda brasileira  
Diretor Executivo da FPA
- POLÍTICA**  
CASB divulga nomes do conselho
- LANÇAMENTOS**  
Revolução e Contrarrevolução na Alemanha
- INTERNACIONAL**  
Janela Internacional: os 50 anos do golpe no Chile
- PERIFÉRIAS**  
Painel de Dados das periferias desenha desigualdades em gráficos e mapas
- POLÍTICA**  
Presidente Lula sanciona três leis para proteger a vida das brasileiras  
Agência PT de notícias
- PERIFÉRIAS**  
Reconexão reúne conselho, coletivos, ministérios e chega ao presidente  
da reedição.

Leia mais

**Publicações**

Revista Reconexão Periferias - maio 2023

Viver por conta própria

■ **ACOMPANHE NOSSOS CANAIS E RECEBA NOSSAS PUBLICAÇÕES!**



www.fpabramo.org.br



@fpabramo



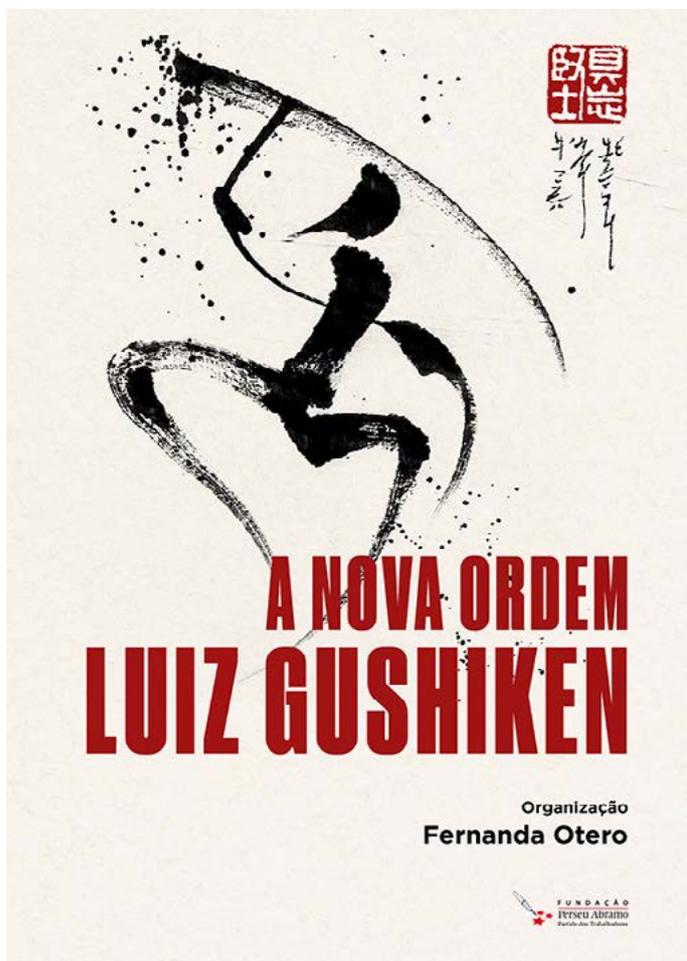
Fundação Perseu Abramo



@fpabramo



FUNDAÇÃO  
Perseu Abramo  
Partido dos Trabalhadores



focus  
BRASIL

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice

Coordenador de Comunicação: Pedro Camarão

Produção: Oficina da Notícia

Colaboradores: Bia Abramo,

Fernanda Estima, Guto Alves,

Isaías Dalle, Nathalie Nascimento,

Olímpio Cruz Neto e Paulo Chagas



FUNDAÇÃO  
Perseu Abramo  
Partido dos Trabalhadores

#### DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Paulo Okamoto

Vice-presidenta: Vivian Farias

Diretoras: Elen Coutinho e Naiara Raiol

Diretores: Alberto Cantalice, Artur Henrique da Silva

Santos, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar,

Valter Pomar e Virgílio Guimarães

#### CONSELHO CURADOR

Presidenta: Eleonora Menicucci

Conselheiros: Ana Carolina Moura Melo Dartora, Ana Maria

de Carvalho Fontenele, Arthur Chioro, Azilton Ferreira

Viana, Camila Vieira dos Santos, Celso Luiz Nunes Amorim,

Dilson de Moura Peixoto Filho, Eliane Aquino Custódio,

Elisa Guaraná de Castro, Esther Bemerguy de Albuquerque,

Everaldo de Oliveira Andrade, Fernando Damata Pimentel,

Fernando Dantas Ferro, Francisco José Pinheiro, Iole Ilíada

Lopes, José Roberto Paludo, José Zunga Alves de Lima,

Laís Wendel Abramo, Luciano Cartaxo Pires de Sá, Luiza

Borges Dulci, Maria Isolda Dantas de Moura, Nabil Georges

Bonduki, Nilma Lino Gomes, Paulo Gabriel Soledade Nacif,

Sandra Maria Sales Fagundes, Sergio Nobre, Tereza Helena

Gabrielli Barreto, Vladimir de Paula Brito.

#### SETORIAIS

Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário),

Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia

e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves

das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França

Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas

(Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane

Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de Melo

(Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer), Janaína

Barbosa de Oliveira (LGBT), Anne Moura (Mulheres),

Nádia Garcia (Juventude) Nilto Ignacio Tatto (Meio

Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares

Mendonça Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência),

Eliane Aparecida da Cruz (Saúde) e

Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

#### CONTATOS

webmaster@fpabramo.org.br

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana

São Paulo (SP) - CEP 04117-091

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338

**CONTRIBUA COM A REVISTA  
REVISTA RECONEXÃO PERIFÉRIAS**

Convidamos ativistas, coletivos e movimentos para contribuir com a Revista Reconexão Periferias de fevereiro.

O tema do mês será sobre as ruas, como espaços de disputa, defesa da democracia e também alegria, nas festas populares do carnaval. **Textos, artigos, fotos, ilustrações, poemas e toda forma de expressão que possa estar consolidada na Revista são bem vindos!**

Envie um e-mail para [estudosperiferias@gmail.com](mailto:estudosperiferias@gmail.com) para maiores informações.

**SERÁ MUITO LEGAL TER A PARTICIPAÇÃO DE VOCÊS!**

FUNDAÇÃO  
Perseu Abramo  
Partido dos Trabalhadores

REVISTA  
RECONEXÃO  
PERIFÉRIAS



Ricardo Stuckert

## LULA RECOLOCA O BRASIL NO PALCO MUNDIAL

Depois de sete anos sem ter um líder legítimo no centro do palco internacional, Brasil retoma protagonismo em momento especial de crise global de confiança. Em seu histórico discurso na Assembleia Geral das Nações Unidas, o presidente alerta para a intolerável desigualdade como o principal problema da humanidade

Página 12

**ENTREVISTA.** Reginaldo Lopes diz que a reforma tributária é essencial ao país  
Página 6

**JUROS.** Banco Central baixa juros, mas volta a duvidar da política fiscal  
Página 26

**GUERREIRA.** Por 10 votos a 0, STF mantém os direitos políticos de Dilma Rousseff  
Página 33

**DIPLOMACIA.** Em Nova York, Lula tem encontros com Biden e outros líderes  
Página 20

**INADIMPLÊNCIA.** Ministério da Fazenda lança a nova fase do Desenrola Brasil  
Página 27

**HISTÓRIA.** O 'verão da lata' em 1987 e o impeachment de Collor em 1992  
Página 34 a 37

**ARTIGO.** Lula fala em nome do Sul Global e dos pobres e excluídos do mundo  
Página 24

**OPINIÃO.** Haddad fala do plano verde de Lula e seu impacto na economia  
Página 29

**ROCK.** Os 50 melhores discos da América Latina, segundo a Rolling Stone  
Página 38

**ECONOMIA.** Brasil segue no rumo certo com PIB em alta e inflação em baixa  
Página 25

**POLÍTICA.** Cid diz à polícia que Bolsonaro consultou militares sobre o golpe  
Página 31

**CLÁSSICO.** A história da obra-prima de Lennon, "Across the universe"  
Página 36



Gerardo Magela/Agência Senado

# DELAÇÃO ESCARNECE O GOLPISMO

Alberto Cantalice

**R**umores de que a delação do tenente-coronel Mauro Cid à Polícia Federal, dando conta da consulta de Bolsonaro aos comandantes das Forças Armadas para um possível Golpe de Estado, é de uma gravidade ímpar.

A aceitação do conluio golpista por parte do então comandante da Marinha, almirante Almir Garnier, põe combustível na já explosiva tessitura do golpe arquitetado no Palácio do Alvorada.

Foi o almirante Garnier que, para regozijo dos então ocupantes do Planalto, organizou o desfile de blindados no dia 10 de agosto de 2021 na Praça dos Três Poderes, em Brasília. Naquele dia, ocorria na Câmara dos Deputados a votação da inviabilida-

de do voto impresso.

O constrangimento do “desfile”, com veículos dos anos 1970 soltando fumaça pela esplanada foi grande. Mas garantiu evidências do apoio incondicional do então comandante aos delírios do bolsonarismo.

Se comprovado o envolvimento do chefe da Marinha do Brasil na patranha golpista, caberá ao Ministério Público Federal e à Polícia Federal a investigação e a consequente punição dos envolvidos.

A tal minuta do golpe achada na residência do ex-ministro Anderson Torres e que, segundo Mauro Cid, partiu do assessor de Felipe Martins, contou com a participação de um suposto advogado constitucionalista e de um padre na apresentação aos chefes militares.

O simples fato de o ex-presidente consultar integrantes das

Forças Armadas brasileiras para que compartilhassem o rompimento da ordem democrática já demonstra os riscos que corria a sociedade brasileira.

Fortalece-se cada vez mais a narrativa de que a ocupação das portas dos quartéis Brasil afora foi fruto de uma articulação entre importantes setores da institucionalidade que conspiraram contra a democracia ao arrepio das leis.

Só o completo desnudamento da trama: a punição e responsabilização de seus personagens, no mais alto nível, fará com que o Brasil não continue passando a imagem de impunidade e laboratório de práticas golpistas ao longo de sua história.

Só o exercício pleno da democracia garantirá o fortalecimento das instituições brasileiras.

#SemAnistia

# “NO BRASIL, NINGUÉM SABE DIREITO QUANTO PAGA DE IMPOSTO. MAS ISSO VAI MUDAR”

A maior reforma tributária realizada no período democrático é explicada pelo economista e deputado federal Reginaldo Lopes. Ele fala das principais alterações que serão realizadas com a reforma e quais serão seus impactos

**Bia Abramo e Guto Alves**

**A** pontada há décadas como a mais importante reforma na agenda do Congresso Nacional, a mudança na legislação tributária é considerada fundamental para os novos tempos que o país precisa para crescer, distribuir renda e reduzir a perigosa desigualdade social. Para o governo Lula, a reforma tributária pode ser decisiva para o futuro do país e seu desenvolvimento social e econômico.

Nesta entrevista à Focus Bra-

sil, o economista e deputado federal Reginaldo Lopes (PT-MG), esmiúça os principais pontos desta que pretende ser a maior reforma tributária realizada no período democrático. A mudança é considerada passo fundamental em direção à reconstrução econômica do Brasil, incluindo um processo de neointustrialização que considere aspectos ambientais para desenvolvimento sustentável e verde.

Na esteira de várias medidas importantes na economia tocadas desde o início do governo Lula, o novo marco tributário deve ser aprovado até o final

de 2023. Apesar de alguns mecanismos de simplificação na cobrança e pagamentos de impostos estarem previstos desde a Constituição de 1988, o embate em torno de mudanças maiores, mais sintonizadas com as tendências modernas na maneira de garantir contribuições da sociedade para financiar as políticas públicas do Estado, sempre travou devido aos interesses conflitantes dos agentes econômicos.

Agora, a partir de um redesenho do arcabouço tributário, amplamente discutido com os principais setores produtivos e sociais, a reforma, já aprovada



pela Câmara, deve seguir para o Senado em outubro. "Essa é uma das mais importantes reformas da redemocratização", aponta Reginaldo Lopes. "O sistema tributário que teremos daqui para a frente, depois de 2032, é um sistema tributário transparente".

O deputado acompanhou o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, em todo o debate em torno da reforma e teve atuação decisiva para sua aprovação. Aqui, ele trata das principais alterações que serão promovidas na legislação brasileira e avalia seus impactos na economia brasileira.

**Focus Brasil – Como o senhor está vendo as perspectivas de aprovação da reforma tributária? Está animado?**

– Acho que essa é uma das mais importantes reformas desde a redemocratização do Brasil, porque vai dar eficiência à economia brasileira. Isso vai permitir à economia nacional voltar a competir no mercado exterior e disputar, internamente, com os importados. Será também um instrumento fundamental de reindustrialização do Brasil, pois passaremos a ter um sistema tributário conectado com o mundo, com as boas práticas internacionais sobre tributação

de consumo e, mais ainda, a gente conseguiu, na reforma, a progressividade da tributação sobre o consumo. Todos os estudos apontam que a reforma tributária sobre consumo no Brasil vai reduzir os impostos para os mais pobres, para as pessoas de menor poder aquisitivo, em 50% e vai aumentar para os mais ricos em 20%. A cesta básica, pela primeira vez, terá o cálculo zerado, teremos uma cesta básica nacional. O cálculo do medicamento também. Alíquota zero também por causa do cashback, que é a devolução de parte dos impostos pago pelos mais pobres, e

como instrumento de progressividade. É um pouco a síntese da reforma tributária.

**– A imprensa deu bastante destaque à história do cashback. O senhor poderia esmiuçar um pouco como é que isso vai funcionar?**

– Na verdade, o Brasil não tem um sistema tributário de regra, tem um sistema tributário de exceções. São milhares de normas. Então você tem imposto o consumo no município, são 5.565 municípios em 27 estados, cheios de regras diferentes. Ou seja, o sistema é muito complexo, burocratizado e, pior, faz esse recurso não chegar aos cofres públicos, pois ele é judicializado. O Brasil tem quase um PIB na Justiça, seja no Conselho Administrativo de Recursos, no CAR, seja no judiciário. Então, por conta dos incentivos fiscais, esse sistema tributário complexo demonstrou ser ineficiente. Nesse caso, existe o benefício de renúncia fiscal, que hoje representa 50% da arrecadação do Estado. O governo não conseguiu resolver os contratos regionais, garantir recursos para fazer investimentos na infraestrutura rodoviária, portuária e ferroviária, telecomunicações. Então, esse é um primeiro prejuízo ao país. O segundo também é que muitas vezes a renúncia fiscal não chega no preço. É incorporada à margem de lucro. Portanto, quando a gente faz a opção de colocar no lugar, claro que os governadores têm um instrumento deles, que é o desenvolvimento regional, porque a gente tira o imposto da origem e passa a cobrar no destino. Então, é impossível um gestor desonerar impostos terceiros. Ele pede esse instrumento e a gente coloca no lugar instru-

mentos com desenvolvimento regional evidente. Nós vamos fazer o Brasil ser um país muito mais consolidado em um bloco de entes federados, ou seja, com muito mais justiça federativa e tributária. Vamos combater os contrastes regionais, isso do lado do federalismo. E aumentar a renda per capita dos municípios, porque não justifica o cidadão do Piauí pagar imposto para um outro estado, sendo que ele mora ali, vive ali, consome saúde, educação, serviços

## **NÓS QUEREMOS DEVOLVER IMPOSTOS, O CHAMADO CASHBACK, QUE SERÁ A DEVOLUÇÃO DOS IMPOSTOS PARA AS PESSOAS DE MENOR PODER ECONÔMICO**

públicos. E quanto à infraestrutura do lado do cidadão, queremos devolver impostos, que é o chamado cashback, que na verdade é a devolução de parte dos impostos pagos para as pessoas de menor poder econômico.

**– Qual o efeito disso para a parcela mais pobre da população brasileira?**

– Por meio das leis complementares, vamos regulamentar.

Agora estamos analisando o mecanismo da devolução de impostos. Nós acreditamos que o cashback é mais eficiente. Pode ter cashback, por exemplo, para as mulheres, relacionado à raça, ou territorial... Isso tudo vai depender das leis complementares. Mas a saída foi constitucionalizar a devolução, e eu acho um mecanismo extremamente importante pra justiça tributária, para dar progressividade no imposto indireto, que é um imposto de consumo. Eu costumo dizer a quem se arrisca a questionar o cashback. Hoje quem declara imposto de renda, já conta com esse benefício se for de maior renda econômica. O contribuinte recebe de volta o que pagou, por exemplo, na saúde, na educação privada... Então por que não devolver o imposto para os mais pobres, que às vezes gastam 100% dos seus recursos não em serviço, mas em compra de mercadorias? Não é justo uma mãe com três filhos que recebe R\$ 1 mil do Bolsa Família, o sistema tributar e tomar parte desse recurso. Eu costumo dizer que tão importante quanto colocar os mais pobres no orçamento, é também retirar os mais pobres do sistema tributário, em especial desse modelo regressivo. É um mecanismo que tem demonstrado em alguns países em que já foi implementado ser muito eficiente e é o que faz economia girar, faz a roda da economia girar e aumenta o poder de compra das famílias, aquecendo o mercado.

**– O senhor falou que a reforma tributária simplifica o sistema tributário brasileiro que a maioria dos cidadãos percebe, de fato, como complexo e injusto. E, por enquanto, tem sido tratado por parte da imprensa como até mais**

**complicado do que o anterior.**

**Afinal simplifica ou complica?**

– Todo mundo vai entender o sistema quando começar a ser aplicado. Se eu te perguntar, você sabe o quanto pagou de imposto no computador que está usando? Não sabe e ninguém sabe o quanto pagou. Nem o setor produtivo sabe quanto, de fato, é o imposto. Ele é um imposto cumulativo, escondido, embutido... O sistema tributário que teremos daqui para a frente, depois de 2032, é um sistema tributário transparente.

**– Qual que é o princípio?**

– O imposto será cobrado por fora. Então, quando o cidadão for cobrar ou pagar uma mercadoria ou um serviço, ele vai saber o preço e o valor do imposto. Isso vai dar ao cidadão consciência fiscal e, ao mesmo tempo, fazê-lo perceber que é pagador de imposto, que no Brasil a maior carga tributária vem sobre o consumo. Por isso que a gente fala que o modelo é regressivo, não vem sobre renda e patrimônio. Então, quando o cidadão tiver consciência de que ele é um grande pagador de imposto, duas coisas poderão ocorrer. A primeira é a consciência cidadã plena, que vai exigir políticas públicas mais eficientes, investimentos públicos com melhor qualidade. A segunda é que ele vai ter consciência fiscal. Isso é uma força muito grande para a gente discutir reforma de patrimônio, para tentar reduzir as desigualdades e promover justiça tributária. Ou seja, é possível, quando nós temos um sistema federativo de três instâncias, assumir a responsabilidade com a trajetória das dívidas, promovendo igualdade fiscal e social. Isso permitirá mobilizar a sociedade. É um erro tratar a refor-

ma como uma simplificação. Ela simplifica mais, corrige normas e distorções do nosso sistema tributário. Todo produto de cadeia longa, todo produto ou serviço que tem várias etapas de produção, vai ficando mais caro.

**– E quais ainda são os nós da reforma? O que falta para ela estar completamente redonda, ser aprovada e ser abraçada pela sociedade?**

– Agora, está lá no Senado. O projeto foi aprovado em julho,

## **QUANDO O CIDADÃO FOR COBRAR OU PAGAR UMA MERCADORIA OU UM SERVIÇO, ELE VAI SABER O PREÇO DA MERCADORIA OU DO SERVIÇO E O PREÇO DO IMPOSTO.**

em primeiro e segundo turno na Câmara dos Deputados, depois de 40 anos. É a primeira reforma do sistema democrático brasileiro. A última tinha sido em 1965, ainda na ditadura. A proposta atual vai ser votada em 18 de outubro no Senado, na Comissão de Justiça e volta para a Câmara. Espero que até novembro possamos deliberar sobre as mudanças do Senado e promulgar a reforma até dezembro. Mas serão necessárias

algumas leis complementares. Temos comando condicional e agora teremos as leis complementares. Acredito que até maio do ano que vem possamos aprovar as leis complementares.

**– Uma vez aprovada, como será a aplicação?**

– São duas transições. Você tem a primeira transição, que é aquela o do sistema tributário brasileiro. Ela inicia em 2026, termina em 2032. Por que que termina em 32? Porque nós temos o sistema hoje de renúncia a incentivos fiscais. Todos os incentivos fiscais foram convalidados no PL 162/17. Então, para não ter rompimento de contratos e manter a segurança jurídica, todos benefícios com validade até 2032 serão honrados. Por isso nós criamos um Fundo de Convalidação de Benefícios. O Brasil será dual. Haverá um imposto nacional e um imposto subnacional, que, na verdade, os governadores e prefeitos pediram para separar o imposto nacional e o local, apesar da legislação ser única. É única também a agência arrecadadora, que é centralizada. A agência federativa, que é, na verdade, um órgão operacional de cobrança do imposto para fazer o "creditamento", a distribuição da arrecadação. Nesse modelo, nós vamos começar a reforma em 2026, unificando IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados), PIS (Programa de Integração Social), COFINS (Contribuição para Financiamento da Seguridade Social), para criar o IVA (Imposto sobre Valor Agregado), de âmbito nacional. Em 2026 ou 2027 terminam os casos dos impostos federais. A reforma termina em 2032, aliás começa em 2032 para os entes federados subnacionais. Teremos uma equalização fiscal que

vai durar 50 anos. Então vamos equalizar corrigindo esta arrecadação de origem e destino por cinco décadas. Nos primeiros 25 anos, sempre arrecada pelo destino, mas nos reparte pelo IVA, pelo sistema de origem. Hoje, o que sobra de arrecadação já reparte pelo sistema tudo o que é destino e onde o cidadão mora, o consumidor. Os últimos cinco anos a gente já reparte pelo IVA, mas preserva pelo seu destino, pelo cidadão maior, pela população, pelo consumidor. É uma reforma do ganha-ganha que tem transmissão. Quando o prefeito de São Paulo fala 'eu vou perder 10 milhões', é mentira, vai ter uma compensação.

**– Ficou razoável o modelo, apesar das queixas do governador Tarcísio de Freitas?**

– A reforma conseguiu, através de toda essa articulação política, esse alinhamento político, estabelecer condições objetivas para, depois de décadas, levar ao plenário e ser aprovada na Câmara dos Deputados. Não tem como mudar o sistema tributário atual para outro sistema no automático, não tem como desligar um sistema e ligar o outro. Tem que ter a transição federativa, que é essa equalização das receitas. No final, a gente conseguiu unidade. Eu diria que o sucesso da reforma é que alinhamos por dentro do governo, sob a coordenação do presidente Lula, sob o comando do ministro Fernando Haddad, alinhamos os estados e município, pacificamos a questão dos estados produtores com imposto de origem. A guerra fiscal esvaziou e encareceu os produtos e criou um mercado injusto. Uma empresa não pode se alocar pelo benefício fiscal. Tem que se alocar pelo mercado de consumo, pela estrutura, pela matéria prima, pela vocação re-

gional, pela vocação econômica.

**– Sobre o empresariado, como está a recepção da reforma?**

– As empresas têm hoje 51 obrigações fiscais acessórias. Todas serão eliminadas: livro-caixa, fiscal... Nós conseguimos também o alinhamento com setores produtivos com setor de serviços, como é o agronegócio, a bancada ruralista. Mostramos que, com esse sistema (atual), todo mundo perde. Temos estudos

## TEMOS QUE EXPLICAR QUE VAMOS DEVOLVER PARTE DOS IMPOSTOS QUE O CIDADÃO NEM SABE QUE PAGA. ACHA QUE É PAGAR UM PEDÁGIO

que apontam que o crescimento econômico vai ocorrer de 12% a 20% em razão da reforma tributária, do consumo incentivado pela eficiência. A renda per capita pode aumentar em R\$ 6 mil. Imagine o impacto disso na desigualdade federativa. Há muito ganho com a reforma tributária nessa primeira etapa. Temos vantagens comparativas enormes com o mundo, um território enorme, mas ainda estamos aquém da nossa capacidade. É muito nobre exportar alimento,

por exemplo. O que não é nobre é deixar um brasileiro passar fome, o que acontece hoje. A gente tem tudo para voar. Temos um exemplo da produção de biocombustível, de pegada de carbono quase zero, de baixo carbono, que é o etanol. Temos a energia solar, eólica, hídrica, ou seja, podemos voar e produzir muita riqueza.

**– Como ficarão as políticas de incentivo fiscais a setores que dependem deles, como a cultura e o esporte? São casos diferentes de grandes empresas.**

– Todas as políticas públicas criadas estão preservadas. E como que se dará o apoio a essa política de incentivo à cultura estiver atrelado ao ISS (Imposto Sobre Serviço)? Ela continuará o percentual atrelada ao IVA, seja nacional ou subnacional, aos estados ou a União. Tanto que a gente já nem chama mais de imposto. Chamamos de contribuição porque parte da seguridade social estava no Cofins, que a gente unificou no IVA. Então, por isso que a gente colocou CBS (Contribuição sobre Bens e Serviços), justamente para preservar parte desse dinheiro para seguridade social do país. Então permanece como antes.

**– Como explicar aos leitores o impacto da reforma a alguém que não tem intimidade com o assunto?**

– Há um aspecto importante sobre a reforma, que é exatamente combater a desinformação e as fakes news. Como nosso modelo é tão complexo, tão judicializado, fica difícil falar de imposto. Agora ele vai ficar fácil de explicar, mesmo com toda a desinformação. Primeiro, temos que explicar que vamos devolver parte dos impostos que o cidadão nem sabe que paga, principalmente o

cidadão mais simples, que é o maior pagador de imposto. Ele acha que pagar imposto é pagar no contracheque ou no imposto de renda, um pedágio. Então ele vai ter clareza e vai saber que é pagador de impostos. Isso muda o patamar de cidadania, porque vai exigir melhores políticas públicas. A segunda questão é que o cidadão paga imposto sobre imposto, apesar de achar que não paga. Agora é um imposto, um único imposto. O mais importante é que a economia vai crescer, vai gerar empregos e um aumento de renda per capita. E vai ter um ganho de simplificação, que vai fazer com que a cidadã e o cidadão tenham uma compreensão maior do seu sistema tributário.

– O senhor prevê que caminharemos para uma neointustrialização ou uma reindustrialização tecnológica e sustentável?

– Nossa reforma dialogou com a transição ecológica. A partir do momento que criamos tributação progressiva ecologicamente equânime da sustentabilidade em vários momentos da compra de um bem, como um carro, se ele for de combustíveis renováveis, terá menos imposto. Nós reafirmamos a constitucionalização da diferença, o que é maior no setor de combustíveis. Vai ter uma diferenciação do combustível fóssil para o combustível renovável. Todos ganham. Até o setor de serviços. O setor de serviços, o prestador de bens e o maior comprador é o setor das indústrias. O erro é você achar que o país pode viver sem indústria. Não tem nação sem indústria. O Brasil precisa de uma indústria moderna, nova, digital, ecológica, sustentável. O novo sistema tributário vai permitir que isso aconteça, enquanto o

atual impede. Mas o setor de serviços também será beneficiado. Turismo, gastronomia, hotelaria... A exportação vai ser fundamental, porque o princípio é o destino puro. Agora, consolida o princípio de não cobrar os investimentos e fortalece, abre novos investimentos, desonera crédito, todos os tributos do investimento e só cobra da produção. Isso, na minha opinião, dá um dinamismo forte a todos os setores econômicos e permite o Brasil deixar

## O ERRO É VOCÊ ACHAR QUE O PAÍS PODE VIVER SEM INDÚSTRIA. NÃO TEM NAÇÃO SEM INDÚSTRIA. O BRASIL PRECISA DE UMA INDÚSTRIA MODERNA, NOVA

de ser um país primário-exportador para ser um país que vai agregar valor.

– Por que a reforma nunca foi aprovada em tanto tempo?

– É difícil sair do sistema de 460 mil normas determinadas em lei, num país que é federativo em três instâncias e tem um modelo atípico do ponto de vista federalista. É complexo conseguir desligar um modelo para ligar o outro e é por isso que a reforma tributária nunca foi aprovada.

Ao não tentar fazer transição na marra, não vai. A gente institucionalizou a segunda etapa em 180 dias, mas a reforma de renda e patrimônio, porque no Brasil, ao contrário da Europa, há espaço para fazer uma reforma, um ajuste de patrimônio. Esperamos que a gente faça essa segunda etapa também, porque o Brasil fez uma opção de cobrar pouco de renda e do patrimônio e a consequência disso é cobrar muito de consumo. O caminho tem que ser o inverso. É diminuindo a alíquota do consumo para aumentar a renda. O patrimônio (a reforma) não vai ser um caminho fácil, mas nós vamos ter que fazer.

– Um dos ganhos políticos da reforma de destaque é a elevação da consciência e o exercício pleno da cidadania. Como é que o senhor imagina que isso vá se dar?

– Pela transparência. Eu sempre começo uma palestra perguntando: ‘alguém sabe o valor que foi pago de imposto de consumo no seu celular?’ Ninguém arrisca falar. Essa transparência é fundamental. O cidadão hoje não enxerga o quanto paga de imposto. E quando o cidadão acha que está pagando imposto, ele se sente menor. Do ponto de vista da cidadania, quando tiver a certeza do que está pagando e que vai receber de volta parte desses impostos, ele vai cobrar o poder, vai aumentar a sua cidadania e exigir políticas públicas mais eficientes e dignas. Escolas de tempo integral, proteção à primeira infância, saneamento são exemplos primários. Vai aumentar o grau de participação do cidadão. E teremos a clareza de saber o que se está pagando. É muito importante para a construção de uma consciência fiscal e para que a gente possa fazer chegar à justiça tributária. •

CAPA

# LULA ALERTA PARA A DESIGUALDADE GLOBAL



## Em discurso na Assembleia Geral das Nações Unidas, Lula alerta que o mundo está num caminho perigoso, com o aumento da fome, a urgência das mudanças climáticas e a imperiosa necessidade dos líderes das nações negociarem a paz. Para isso, diz o presidente brasileiro, é urgente mudar a governança global e ampliar a participação dos emergentes

**O** Brasil retoma seu protagonismo internacional, exercitando o soft power depois de quatro anos de negacionismo, extremismo e 700 mil mortes por Covid-19, além do rebaixamento democrático decorrente do Golpe de 2016 que retirou Dilma Rousseff da Presidência da República sem que ela tivesse cometido crime de responsabilidade.

Na última semana, o mundo parou para ouvir o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que voltou a alertar que a desigualdade crescente está comprometendo o futuro da humanidade e que estamos à beira do precipício em razão do agravamento da crise climática. Ele pediu a união global contra desigualdade, fome e mudanças climáticas.

“Há vinte anos, ocupei esta tribuna pela primeira vez. E disse, naquele 23 de setembro de 2003: Que minhas primeiras palavras diante deste Parlamento Mundial sejam de confiança na capacidade humana de vencer desafios e evoluir para formas superiores de convivência. Volto hoje para dizer que mantenho minha inabalável confiança na humanidade”, afirmou. “Naquela época, o mundo ainda não havia se dado conta da gravidade da crise climática. Hoje, ela bate

às nossas portas, destrói nossas casas, nossas cidades, nossos países, mata e impõe perdas e sofrimentos a nossos irmãos, sobretudo os mais pobres”.

Lula foi enfático: “A fome, tema central da minha fala neste Parlamento Mundial 20 anos atrás, atinge hoje 735 milhões de seres humanos, que vão dormir esta noite sem saber se terão o que comer amanhã. O mundo está cada vez mais desigual. Os 10 maiores bilionários possuem mais riqueza que os 40% mais

pobres da humanidade”. As palavras calaram fundo no auditório da ONU, que interrompeu durante sete vezes o presidente para aplaudi-lo pelo discurso certo. Afinal, o discurso de Lula estava em sintonia com o que o tem apontado a própria ONU. Na mesma terça-feira, 19, o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, também foi enfático ao denunciar a desigualdade como uma mancha que insiste em interferir no desenvolvimento das nações. “No nosso mundo de abundância, a fome é uma mancha chocante na humanidade e uma violação épica dos direitos humanos. É uma acusação para cada um de nós que milhões de pessoas estejam passando fome nos dias de hoje”, discursou.

Jornais estrangeiros, como o britânico *The Guardian*, alardearam o discurso histórico do líder da esquerda brasileira. ‘Os brasileiros aplaudem o retorno de Lula à diplomacia enquanto ele se dirige à assembleia geral da ONU’, destacou. “Luiz Inácio Lula da Silva subiu à tribuna em Nova York para proclamar um novo amanhecer após o mandato caótico do seu antecessor de extrema-direita, Jair Bolsonaro”, escreveu o correspondente Tom Phillips. A comparação com o antecessor não podia faltar: “

**DIANTE DA ONU,  
LULA COLOCOU O  
DEDO NA FERIDA:  
“OS 10 MAIORES  
BILIONÁRIOS  
POSSUEM MAIS  
RIQUEZA QUE OS  
40% MAIS POBRES  
DA HUMANIDADE”**



Ricardo Stuckert

a Presidência do G20 em dezembro, terá como pauta principal o combate a todas as formas de desigualdade. “Não mediremos esforços para colocar no centro da agenda internacional o combate às desigualdades em todas as suas dimensões”, disse. “Sob o lema Construindo um Mundo Justo e um Planeta Sustentável, a presidência brasileira vai articular inclusão social e combate à fome; desenvolvimento sustentável e reforma das instituições de governança global”.

Lula destacou que a desigualdade cria ou amplia a maior parte das crises que o mundo enfrenta na atualidade. Isso exige dos governos mundiais uma atuação firme, para não só para conter as graves consequências, mas para poder atingir as raízes dos problemas. “A comunidade internacional está mergulhada em um turbilhão de crises múltiplas e simultâneas: a pandemia da Covid-19, a crise climática e a insegurança alimentar e energética ampliadas por crescentes tensões geopolíticas. O racismo,

a intolerância e a xenofobia se alastraram, incentivadas por novas tecnologias criadas supostamente para nos aproximar”, disse.

Criada pela ONU para determinar objetivos de desenvolvimento sustentável para o planeta, a Agenda 2030 seria o principal instrumento para aliviar essas pressões, mas, para o presidente, os objetivos para o fim da década dificilmente serão cumpridos. “O imperativo moral

## LULA FALOU AO MUNDO COMO UM DOS LÍDERES DO SUL GLOBAL E FEZ QUESTÃO DE RESSALTAR QUE O COMBATE À FOME SERÁ PRIORIDADE DO G20

**CENTRO DAS ATENÇÕES** O discurso de Lula foi interrompido sete vezes pelos aplausos dos representantes às palavras do presidente brasileiro

Bolsonaro usou notoriamente as suas aparições na ONU para promover soluções falsas contra a Covid, atacar jornalistas e vender distorções e mentiras – comportamento que ajudou a consolidar a reputação do populista como um pária internacional”.

A agência de notícias Associated Press também repercutiu o discurso do líder nacional: ‘Lula do Brasil apresenta sua nação – e a si mesmo – como novo líder para o Sul Global’. Segundo o jornalista David Biller, da AP, “a narrativa emergente do envolvimento ativo do Brasil nos assuntos mundiais também serve para contrastá-lo com Bolsonaro, que não era visto como um defensor confiável do multilateralismo”.

No discurso de 20 minutos proferido perante a comunidade internacional – leia a íntegra do discurso ainda nesta edição –, Lula fez críticas e cobranças aos países ricos e ao sistema de

governança global, dos quais, segundo ele, falta vontade política para trabalhar por um mundo mais justo e igualitário. “O destino de cada criança que nasce neste planeta parece traçado ainda no ventre de sua mãe”, afirmou. “É preciso, antes de tudo, vencer a resignação, que nos faz aceitar tamanha injustiça como fenômeno natural. Para vencer a desigualdade, falta vontade política daqueles que governam o mundo”.

O presidente reafirmou que o Brasil, ao assumir

e político de erradicar a pobreza e acabar com a fome parece estar anestesiado. Nesses sete anos que nos restam, a redução das desigualdades dentro dos países e entre eles deveria se tornar o objetivo-síntese da Agenda 2030”, declarou.

Lula também destacou que as mudanças no clima precisam ser enfrentadas coletivamente, mas que os países industrializados precisam cumprir com sua responsabilidade histórica e material. “Os países ricos cresceram baseados em um modelo com altas taxas de emissões de gases danosos ao clima. A emergência climática torna urgente uma correção de rumos e a implementação do que já foi acordado. Não é por outra razão que falamos em responsabilidades comuns, mas diferenciadas. São as populações vulneráveis do Sul Global as mais afetadas pelas perdas e danos causados pela mudança do clima. Os 10% mais ricos da população mundial são responsáveis por quase a metade de todo o carbono lançado na atmosfera. Nós, países em desenvolvimento, não queremos repetir esse modelo”, disse o presidente.

Lula ainda criticou os países ricos por não cumprirem acordos climáticos. “A promessa de destinar US\$ 100 bilhões anualmente para os países em desenvolvimento permanece apenas isso, uma promessa. Hoje esse valor seria insuficiente para uma demanda que já chega à casa dos trilhões de dólares”, lamentou.

A transição energética ocupa um lugar importante, por possibilitar que formas de geração não renováveis e geradoras de poluição possam ser substituídas por fontes renováveis. Como vem fazendo ao longo do ano nos eventos internacionais, Lula destacou que o Brasil é um exemplo mundial na produção de energia limpa.

“No Brasil, já provamos uma

vez e vamos provar de novo que um modelo socialmente justo e ambientalmente sustentável é possível. Estamos na vanguarda da transição energética, e nossa matriz já é uma das mais limpas do mundo. 87% da nossa energia elétrica provem de fontes limpas e renováveis. A geração de energia solar, eólica, biomassa, etanol e biodiesel cresce a cada ano. É enorme o potencial de produção de hidrogênio verde. Com o Plano de Transformação Ecológica, apostaremos na industrialização e infraestrutura sustentáveis”, ressaltou.

Ainda na questão climática e ambiental, Lula citou a iniciativa de reunir, no mês passado, representantes de todos os países amazônicos na Cúpula da Amazônia, numa perspectiva de buscar um alinhamento e de criar uma nova agenda de colaboração entre os países que fazem parte daquele bioma. “Retomamos uma robusta e renovada agenda amazônica, com ações de fiscalização e combate a crimes ambientais. Ao longo dos últimos oito meses, o desmatamento na Amazônia brasileira já foi reduzido em 48%”, apontou.

O discurso tratou de ressaltar a posição soberana do Brasil quanto à sua territorialidade, mas que o compromisso do governo em preservar suas florestas vai para além das palavras e tem sido demonstrado com ações. “O mundo inteiro sempre falou da Amazônia. Agora, a Amazônia está falando por si. Sediamos há um mês a Cúpula de Belém, no coração da Amazônia, e lançamos nova agenda de colaboração entre os países que fazem parte daquele bioma. Somos 50 milhões de sul-americanos amazônidas, cujo futuro depende da ação decisiva e coordenada dos países que detêm soberania sobre os territórios da região”, ressaltou. •

## NYTIMES SAÚDA REAPROXIMAÇÃO COM OS EUA

Na extensa agenda de encontros de Lula com chefes de Estado durante sua permanência em Nova York, a reunião com o presidente Joe Biden mereceu uma cobertura especial da mídia estadunidense. O New York Times saudou o encontro do brasileiro com o presidente dos Estados Unidos: ‘Biden e Lula se encontram em Nova York para redefinir o relacionamento gelado’.

Nos últimos meses, Lula criticou a posição dos EUA relativamente à invasão russa da Ucrânia e a sua linha dura em relação à Venezuela e a Cuba. Na quarta-feira, Lula chamou a reunião de “o renascimento de uma nova era na relação entre os EUA e o Brasil – uma relação de iguais”.

De acordo com o jornal, os dois presidentes saudaram uma nova parceria para apoiar o trabalho em ambos os países e disseram que planejam trabalhar juntos na crise climática. O correspondente Jack Nicas escreveu que, na reunião de 70 minutos, Biden e Lula discutiram questões trabalhistas, um grupo de trabalho climático entre os dois países e relações com Venezuela, Cuba e Ucrânia.

As informações são de “um alto funcionário dos EUA presente na sala e um funcionário brasileiro informado sobre as discussões”. Os dois funcionários falaram sob condição de anonimato para discutir uma reunião privada. Escreve Nicas: “Biden pediu a Lula que pressionasse a Venezuela a realizar eleições livres, e Lula pediu a Biden que removesse a designação de Cuba pelos EUA como país terrorista, disse a autoridade”. •



Ricardo Stuckert

# “O MUNDO ESTÁ CADA VEZ MAIS DESIGUAL”

No discurso de abertura da 78ª Assembleia da ONU, Lula trata do combate à desigualdade e à fome, clama por paz no mundo e alerta para o agravamento da crise climática

**M**eus cumprimentos ao Presidente da Assembleia Geral, Embaixador Dennis Francis, de Trinidad e Tobago. É uma satisfação ser antecedido pelo Secretário-Geral das Nações Unidas, António Guterres. Saúdo cada um dos Chefes de Estado e de Governo e delegadas e delegados presentes.

Presto minha homenagem ao nosso compatriota Sérgio Vieira de Mello e 21 outros funcionários desta organização, vítimas do brutal atentado em Bagdá, há 20 anos.

Desejo igualmente expressar minhas condolências às vítimas do terremoto no Marrocos e das tempestades que atingiram a Líbia. A exemplo do que ocorreu recentemente no estado do Rio Grande do Sul no meu país, essas tragédias ceifam vidas e causam perdas irreparáveis. Nossos pensamentos e orações estão com todas as vítimas e seus familiares.

Senhoras e Senhores, há vinte anos, ocupei esta tribuna pela primeira vez. E disse, naquele 23 de setembro de 2003: “Que minhas primeiras palavras diante deste Parlamento Mundial sejam de confiança na capacidade humana de vencer desafios e evoluir para formas superiores de convivência”.

Volto hoje para dizer que mantenho minha inabalável confiança na humanidade. Naquela época, o mundo ainda não havia se dado conta da gravidade da crise climática. Hoje, ela bate às nossas portas, destroi nossas casas, nossas cidades, nossos países, mata e impõe perdas e sofrimentos a nossos irmãos, sobretudo os mais pobres.

A fome, tema central da minha fala neste Parlamento Mundial 20 anos atrás, atinge hoje 735 milhões de seres humanos, que vão dormir esta noite sem saber se terão o que comer amanhã.

O mundo está cada vez mais desigual. Os 10 maiores bilionários pos-

suem mais riqueza que os 40% mais pobres da humanidade. O destino de cada criança que nasce neste planeta parece traçado ainda no ventre de sua mãe.

A parte do mundo em que vivem seus pais e a classe social à qual pertence sua família irão determinar se essa criança terá ou não oportunidades ao longo da vida. Se irá fazer todas as refeições ou se terá negado o direito de tomar café da manhã, almoçar e jantar diariamente. Se terá acesso à saúde, ou se irá sucumbir a doenças que já poderiam ter sido erradicadas. Se completará os estudos e conseguirá um emprego de qualidade, ou se fará parte da legião de desempregados, subempregados e desalentados que não para de crescer.

É preciso antes de tudo vencer a resignação, que nos faz aceitar tamanha injustiça como fenômeno natural. Para vencer a desigualdade, falta vontade política daqueles que governam o mundo.

Se hoje retorno na honrosa condição de presidente do Brasil, é graças à vitória da democracia em meu país. A democracia garantiu que superássemos o ódio, a desinformação e a opressão. A esperança, mais uma vez, venceu o medo.

Nossa missão é unir o Brasil e reconstruir um país soberano, justo, sustentável, solidário, generoso e alegre. O Brasil está se reencontrando consigo mesmo, com nossa região, com o mundo e com o multilateralismo. Como não me canso de repetir, o Brasil está de volta.

Nosso país está de volta para dar sua devida contribuição ao enfrentamento dos principais desafios globais. Resgatamos o universalismo da nossa política externa, marcada por diálogo respeitoso com todos.

A comunidade internacional está mergulhada em um turbilhão de crises múltiplas e simultâneas: a pandemia da Covid-19; a crise climática; e a insegurança alimentar e energética ampliadas por crescentes tensões geopolíticas. O racismo, a intolerân-

cia e a xenofobia se alastraram, incentivadas por novas tecnologias criadas supostamente para nos aproximar. Se tivéssemos que resumir em uma única palavra esses desafios, ela seria desigualdade.

A desigualdade está na raiz desses fenômenos ou atua para agravá-los. A mais ampla e mais ambiciosa ação coletiva da ONU voltada para o desenvolvimento – a Agenda 2030 – pode se transformar no seu maior fracasso. Estamos na metade do período de implementação e ainda distantes das metas definidas.

A maior parte dos objetivos de desenvolvimento sustentável caminha em ritmo lento. O imperativo moral e político de erradicar a pobreza e acabar com a fome parece estar anestesiado.

Nesses sete anos que nos restam, a redução das desigualdades dentro dos países e entre eles deveria se tornar o objetivo-síntese da Agenda 2030. Reduzir as desigualdades dentro dos países requer incluir os pobres nos orçamentos nacionais e fazer os ricos pagarem impostos proporcionais ao seu patrimônio.

No Brasil, estamos comprometidos a implementar todos os 17 objetivos de desenvolvimento sustentável, de maneira integrada e indivisível. Queremos alcançar a igualdade racial na sociedade brasileira por meio de um décimo oitavo objetivo que adotaremos voluntariamente.

Lançamos o plano Brasil sem Fome, que vai reunir uma série de iniciativas para reduzir a pobreza e a insegurança alimentar. Entre elas, está o Bolsa Família, que se tornou referência mundial em programas de transferência de renda para famílias que mantêm suas crianças vacinadas e na escola.

Inspirados na brasileira Bertha Lutz, pioneira na defesa da igualdade de gênero na Carta da ONU, aprovamos a lei que torna obrigatória a igualdade salarial entre mulheres e homens no exercício da mesma função. Combateremos o feminicídio e todas as formas de violência contra as

mulheres. Seremos rigorosos na defesa dos direitos de grupos LGBTQI+ e pessoas com deficiência. Resgatamos a participação social como ferramenta estratégica para a execução de políticas públicas.

Senhor presidente, agir contra a mudança do clima implica pensar no amanhã e enfrentar desigualdades históricas. Os países ricos cresceram baseados em um modelo com altas taxas de emissões de gases danosos ao clima. A emergência climática torna urgente uma correção de rumos e a implementação do que já foi acordado.

Não é por outra razão que falamos em responsabilidades comuns, mas diferenciadas. São as populações vulneráveis do Sul Global as mais afetadas pelas perdas e danos causados pela mudança do clima. Os 10% mais ricos da população mundial são responsáveis por quase a metade de todo o carbono lançado na atmosfera. Nós, países em desenvolvimento, não queremos repetir esse modelo.

No Brasil, já provamos uma vez e vamos provar de novo que um modelo socialmente justo e ambientalmente sustentável é possível. Estamos na vanguarda da transição energética, e nossa matriz já é uma das mais limpas do mundo. 87% da nossa energia elétrica provem de fontes limpas e renováveis. A geração de energia solar, eólica, biomassa, etanol e biodiesel cresce a cada ano. É enorme o potencial de produção de hidrogênio verde.

Com o Plano de Transformação Ecológica, apostaremos na industrialização e infraestrutura sustentáveis. Retomamos uma robusta e renovada agenda amazônica, com ações de fiscalização e combate a crimes ambientais. Ao longo dos últimos oito meses, o desmatamento na Amazônia brasileira já foi reduzido em 48%. O mundo inteiro sempre falou da Amazônia. Agora, a Amazônia está falando por si.

Sediamos, há um mês, a Cúpula de Belém, no coração da Amazônia,

e lançamos nova agenda de colaboração entre os países que fazem parte daquele bioma. Somos 50 milhões de sul-americanos amazônidas, cujo futuro depende da ação decisiva e coordenada dos países que detêm soberania sobre os territórios da região.

Também aprofundamos o diálogo com outros países detentores de florestas tropicais da África e da Ásia. Queremos chegar à COP 28 em Dubai com uma visão conjunta que reflita, sem qualquer tutela, as prioridades de preservação das bacias Amazônica, do Congo e do

## "UM MODELO SOCIALMENTE JUSTO E AMBIENTALMENTE SUSTENTÁVEL É POSSÍVEL. ESTAMOS NA VANGUARDA DA TRANSIÇÃO ENERGÉTICA"

Bornéu-Mekong a partir das nossas necessidades.

Sem a mobilização de recursos financeiros e tecnológicos não há como implementar o que decidimos no Acordo de Paris e no Marco Global da Biodiversidade. A promessa de destinar 100 bilhões de dólares - anualmente - para os países em desenvolvimento permanece apenas isso, uma promessa. Hoje esse valor seria insuficiente para uma demanda que já chega à casa dos trilhões de dólares.

Senhor presidente, o princípio sobre o qual se assenta o multilateralismo - o da igualdade soberana entre as nações - vem sendo corroído. Nas principais instâncias da governança global, negociações em que todos os países têm voz e voto perderam fôlego. Quando as instituições reproduzem as desigualdades, elas fazem parte do problema, e não da solução.

No ano passado, o FMI disponibilizou 160 bilhões de dólares em direitos especiais de saque para países europeus, e apenas 34 bilhões para países africanos. A representação desigual e distorcida na direção do FMI e do Banco Mundial é inaceitável. Não corrigimos os excessos da desregulação dos mercados e da apoloogia do Estado mínimo. As bases de uma nova governança econômica não foram lançadas.

O BRICS surgiu na esteira desse imobilismo, e constitui uma plataforma estratégica para promover a cooperação entre países emergentes. A ampliação recente do grupo na Cúpula de Joanesburgo fortalece a luta por uma ordem que acomode a pluralidade econômica, geográfica e política do século 21. Somos uma força que trabalha em prol de um comércio global mais justo num contexto de grave crise do multilateralismo.

O protecionismo dos países ricos ganhou força e a Organização Mundial do Comércio permanece paralisada, em especial o seu sistema de solução de controvérsias. Ninguém mais se recorda da Rodada do Desenvolvimento de Doha. Nesse ínterim, o desemprego e a precarização do trabalho minaram a confiança das pessoas em tempos melhores, em especial os jovens.

Os governos precisam romper com a dissonância cada vez maior entre a "voz dos mercados" e a "voz das ruas". O neoliberalismo agravou a desigualdade econômica e política que hoje assola as democracias. Seu legado é uma massa de deserdados e excluídos.

Em meio aos seus escombros surgem aventureiros de extrema direita

que negam a política e vendem soluções tão fáceis quanto equivocadas. Muitos sucumbiram à tentação de substituir um neoliberalismo falido por um nacionalismo primitivo, conservador e autoritário. Repudiamos uma agenda que utiliza os imigrantes como bodes expiatórios, que corrói o Estado de bem-estar e que investe contra os direitos dos trabalhadores.

Precisamos resgatar as melhores tradições humanistas que inspiraram a criação da ONU. Políticas ativas de inclusão nos planos cultural, educacional e digital são essenciais para a promoção dos valores democráticos e da defesa do Estado de Direito.

É fundamental preservar a liberdade de imprensa. Um jornalista, como Julian Assange, não pode ser punido por informar a sociedade de maneira transparente e legítima. Nossa luta é contra a desinformação e os crimes cibernéticos. Aplicativos e plataformas não devem abolir as leis trabalhistas pelas quais tanto lutamos.

Ao assumir a presidência do G20 em dezembro próximo, não mediremos esforços para colocar no centro da agenda internacional o combate às desigualdades em todas as suas dimensões. Sob o lema "Construindo um Mundo Justo e um Planeta Sustentável", a presidência brasileira vai articular inclusão social e combate à fome; desenvolvimento sustentável e reforma das instituições de governança global.

Senhor presidente, mão haverá sustentabilidade nem prosperidade sem paz. Os conflitos armados são uma afronta à racionalidade humana. Conhecemos os horrores e os sofrimentos produzidos por todas as guerras. A promoção de uma cultura de paz é um dever de todos nós. Construí-la requer persistência e vigilância.

É perturbador ver que persistem antigas disputas não resolvidas e que surgem ou ganham vigor novas ameaças. Bem o demonstra a dificuldade de garantir a criação de um Estado

para o povo palestino. A este caso se somam a persistência da crise humanitária no Haiti, o conflito no Iêmen, as ameaças à unidade nacional da Líbia e as rupturas institucionais em Burkina Faso, Gabão, Guiné-Conacri, Mali, Níger e Sudão. Na Guatemala, há o risco de um golpe, que impediria a posse do vencedor de eleições democráticas.

A guerra da Ucrânia escancara nossa incapacidade coletiva de fazer prevalecer os propósitos e princípios da Carta da ONU. Não subestimamos as dificuldades para alcançar a paz. Mas nenhuma solução será duradou-

## "NÃO MEDIREMOS ESFORÇOS PARA COLOCAR NO CENTRO DA AGENDA INTERNACIONAL O COMBATE ÀS DESIGUALDADES EM TODAS AS SUAS DIMENSÕES"

ra se não for baseada no diálogo. Tenho reiterado que é preciso trabalhar para criar espaço para negociações. Investe-se muito em armamentos e pouco em desenvolvimento.

No ano passado os gastos militares somaram mais de 2 trilhões de dólares. As despesas com armas nucleares chegaram a 83 bilhões de dólares, valor vinte vezes superior ao orçamento regular da ONU.

Estabilidade e segurança não serão alcançadas onde há exclusão social e desigualdade. A ONU nasceu

para ser a casa do entendimento e do diálogo. A comunidade internacional precisa escolher: De um lado, está a ampliação dos conflitos, o aprofundamento das desigualdades e a erosão do Estado de Direito. De outro, a renovação das instituições multilaterais dedicadas à promoção da paz.

As sanções unilaterais causam grande prejuízo à população dos países afetados. Além de não alcançarem seus alegados objetivos, dificultam os processos de mediação, prevenção e resolução pacífica de conflitos.

O Brasil seguirá denunciando medidas tomadas sem amparo na Carta da ONU, como o embargo econômico e financeiro imposto a Cuba e a tentativa de classificar esse país como Estado patrocinador de terrorismo. Continuaremos críticos a toda tentativa de dividir o mundo em zonas de influência e de reeditar a Guerra Fria.

O Conselho de Segurança da ONU vem perdendo progressivamente sua credibilidade. Essa fragilidade decorre em particular da ação de seus membros permanentes, que travam guerras não autorizadas em busca de expansão territorial ou de mudança de regime. Sua paralisia é a prova mais eloquente da necessidade e urgência de reformá-lo, conferindo-lhe maior representatividade e eficácia.

Senhoras e senhores, a desigualdade precisa inspirar indignação. Indignação com a fome, a pobreza, a guerra, o desrespeito ao ser humano. Somente movidos pela força da indignação poderemos agir com vontade e determinação para vencer a desigualdade e transformar efetivamente o mundo a nosso redor.

A ONU precisa cumprir seu papel de construtora de um mundo mais justo, solidário e fraterno. Mas só o fará se seus membros tiverem a coragem de proclamar sua indignação com a desigualdade e trabalhar incansavelmente para superá-la. Muito obrigado. •



**A PAZ É POSSÍVEL** Depois de muitos desencontros, Lula e Zelensky conversam pessoalmente pela primeira vez em Nova York. Na pauta, a necessidade de reestabelecer o diálogo para colocar um fim ao conflito no Leste Europeu

## DIÁLOGO AMPLO COM OS LÍDERES

Em Nova York, Lula recoloca o Brasil como interlocutor confiável e com capacidade de transitar entre diferentes chefes de Estado, afirmando-se com um líder respeitado do Sul Global. Na agenda de encontros, Biden, Zelensky, Scholz, Berset, Abbas, além de reuniões com os dirigentes de organismos multilaterais das Nações Unidas: FAO e OMS

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse em seu discurso, diante dos representantes da comunidade internacional na Assembleia Geral das Nações Unidas, que o Brasil estava de volta ao palco dos líderes globais. Foi aplaudido, elogiado pela escolha dos temas em seu pronunciamento – desigualdade, fome, emergência climática e nova governança global. Mais do que re-

tomar a tradição de interlocutor confiável e com capacidade de diálogo, Lula mostrou que o Brasil conversa com todos, sem preconceitos ou apelos ideológicos.

De fato, sua agenda de encontros em Nova York mostra que Lula voltou a exercer o soft power desenhado pela diplomacia brasileira há mais de 75 anos, destacando-se pela abertura ao diálogo construtivo e na busca de consensos. Daí porque é reconhecido agora como um dos

principais porta-vozes do Sul Global, exercendo a liderança do G20, do Mercosul e dos BRICS+ – o grupo formado originalmente por Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul e, a partir de janeiro de 2024, Arábia Saudita, Argentina, Egito, Emirados Árabes, Etiópia e Irã.

Em três dias de agenda intensa nos Estados Unidos, Lula esteve reunido com influentes e diferentes chefes de Estado e de governo: Joe Biden (EUA),



**INTERLOCUÇÃO** O presidente da Áustria, Alexander Van der Bellen, elogiou Lula pelo discurso na Assembleia Geral sobre desigualdade e a emergência do clima. Com Abbas, Lula falou sobre a crise humanitária na Palestina

Volodymyr Zelensky (Ucrânia), Olaf Scholz (Alemanha), Mahmoud Abbas (Palestina), Alexander Van der Bellen (Áustria), Alain Berset (Suíça), Jonas Gahr Støre (Noruega), Santiago Peña (Paraguai), além dos diretores da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), Qu Dongyu, e da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus, em Nova York.

Na sua primeira reunião com o presidente ucraniano, Lula falou que deseja ampliar as relações entre os dois países e contribuir para uma solução pacífica para o conflito entre Ucrânia e Rússia, que já dura mais de 18 meses. “Tivemos uma boa conversa sobre a importância dos caminhos para construção da paz e de mantermos sempre o diálogo aberto entre nossos países”, disse Lula. “Ambos os presidentes compreendem agora as suas posições muito melhor do que antes”, disse Dmytro Kuleba, ministro dos Negócios Estrangeiros da Ucrânia. Ele chamou a reunião de “quebra-gelo” e “calorosa e honesta”.

Mauro Vieira, ministro das Relações Exteriores do Brasil, disse que os dois líderes explicaram suas opiniões sobre a guerra e que “não há absolutamente nenhuma discordância”. “O presidente Lula e o presidente

Zelensky tiveram uma longa discussão em um ambiente tranquilo e amigável. Trocaram informações sobre os países e a situação do mundo neste momento”, comentou. “Ambos instruíram suas equipes a continuarem em contato e o presidente Lula disse que um representante continuará participando das reuniões do Processo de Copenhague, para discutir possibilidades de paz”.

Com Biden, os encontros giraram em torno de dois assuntos: o mundo do trabalho e transição energética. Brasil e EUA firmaram

um pacto histórico pelos direitos do trabalho, numa iniciativa que busca a valorizar os empregos dignos nos dois países e em escala global. “As pessoas que acreditam que sindicato fraco vai fazer com que o empresário ganhe mais, que o país fique melhor, estão enganadas. Não há democracia sem sindicato forte porque o sindicato é efetivamente quem fala pelo trabalhador para tentar defender os seus direitos”, disse Lula.

Biden foi na mesma linha: “Quando eu era criança, na minha casa, meu pai tinha uma expressão. Ele dizia que um emprego é muito mais do que simplesmente um contracheque. É uma questão de dignidade, respeito. De poder olhar no olho do seu filho e dizer: ‘Vai dar tudo certo’”. Lula fez questão de ressaltar que o encontro era histórico, dada as condições da agenda do trabalho. “É a primeira vez em mais de 500 anos da história do Brasil em que você senta com o presidente da República americano, em igualdade de condições, para discutir um problema crônico, que é a questão da precarização do mundo do trabalho”, lembrou.

O presidente dos Estados Unidos avalia como fundamental que trabalhadores e trabalhadoras conquistem melhores remunerações. “Essa ideia está no cerne da minha visão econômica de

## OS PRESIDENTES LULA E ZELENSKY SENTARAM-SE PELA PRIMEIRA VEZ PARA DISCUTIR A CRISE NO LESTE EUROPEU E O CAMINHO DA PAZ NA UCRÂNIA



Ricardo Stuckert

**HISTÓRICA** Com Biden, Lula fez o anúncio da iniciativa global em defesa dos direitos do trabalho em tempos de precarização e tratou de energia limpa

fazer a nossa economia crescer do centro para fora e de baixo para cima. Não queremos que só uma classe se saia bem. Deixe-me ser claro: sejam os trabalhadores da indústria automotiva ou da área que for, os lucros sem precedentes devem se traduzir em salários mais altos”, disse.

A iniciativa lançada por Lula da Silva e Joe Biden está baseada em seis pilares:

- 1) Ampliar o conhecimento público sobre os direitos trabalhistas e oferecer oportunidades para que os trabalhadores e trabalhadoras se capacitem para defender seus direitos;
- 2) Reforçar o papel central dos trabalhadores e trabalhadoras, garantindo que a transição para fontes limpas de energia proporcione oportunidades de bons empregos para todos e todas;
- 3) Estabelecer com parceiros globais uma agenda centrada em aumentar a importância dos trabalhadores e trabalhadoras em instituições multilaterais como o G20, COP 28 e a COP 30;
- 4) Apoiar e coordenar programas de cooperação técnica relacionados ao trabalho;
- 5). Promover novos esforços para capacitar e proteger os direitos trabalhistas de trabalhadores e

trabalhadoras nas plataformas digitais; e

6) Envolver parceiros do setor privado em abordagens inovadoras para criar empregos dignos nas principais cadeias de produção, combater a discriminação nos locais do trabalho e promover a diversidade.

A declaração assinada pelos líderes dos dois países define o caminho que se pretende seguir: “Já compartilhamos a compreen-

## LULA E BIDEN LANÇARAM INICIATIVA GLOBAL CONJUNTA DE BRASIL E EUA EM PACTO HISTÓRICO PELOS DIREITOS DOS TRABALHADORES

são e o compromisso de abordar questões críticas de desigualdade econômica, salvaguardar os direitos dos trabalhadores e trabalhadoras, abordar a discriminação em todas as suas formas e garantir uma transição justa para energias limpas”, diz o texto.

E continua: “A promoção do trabalho digno é fundamental para a consecução da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável e dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Também estamos preocupados e atentos aos efeitos no trabalho da digitalização das economias e do uso profissional da inteligência artificial no mundo do trabalho”. A ideia é estimular empregos de qualidade, proteger trabalhadores que atuam nas plataformas digitais e promover o conhecimento sobre direitos trabalhistas.

No encontro com Biden, Lula disse ainda que os líderes das nações precisam estabelecer uma convergência para assegurar um futuro mais digno a toda humanidade. Ele declarou que a amizade e colaboração entre Brasil e Estados Unidos vão agora a um novo patamar.

“É muito importante que os Estados Unidos vejam o que está acontecendo no Brasil nesse momento histórico de transição ecológica, de mudança de matriz energética, do que o país tem de investimento em energia solar, eólica, biomassa, biodiesel, etanol, hidrogênio verde, ou seja, há uma perspectiva de trabalho em conjunto excepcional entre Brasil e Estados Unidos. É um novo tempo na relação entre Estados Unidos e Brasil, uma relação de iguais, soberana e de interesses comuns”, afirmou.

Para o presidente brasileiro, é importante que lideranças de perfil democrático se unam neste momento. “Quando olhamos a geopolítica do mundo, percebe-

mos que as oportunidades estão se fechando e as democracias correm perigo porque a negação da política tem feito com que setores extremistas tentem ocupar o espaço em função da negação da política no mundo inteiro”.

A transição energética também foi tema das reuniões promovidas por Lula com o primeiro-ministro da Noruega, Jonas Gahr Støre, e com o presidente da Áustria, Alexander Van der Bellen. Durante a conversa, Lula e Støre conversaram sobre financiamento ambiental e investimentos em fontes de energia renováveis. A Noruega é um dos principais investidores estrangeiros do Fundo Amazônia, juntamente com a Alemanha, e voltou a liberar verbas para projetos na região no início deste ano.

Na reunião, os dois líderes também abordaram questões comerciais, uma vez que o Brasil é o principal parceiro comercial da Noruega fora da Europa. O país europeu tem investimentos nas indústrias de petróleo e gás e mineração, especialmente alumínio, em território brasileiro. O premiê norueguês também comentou a importância da Presidência brasileira no G20.

No encontro com Alexander Van der Bellen, Lula ouviu elogios do presidente austríaco pelo discurso feito naquele mesmo dia na ONU, focado na união global contra desigualdade, fome e mudanças climáticas. Os dois falaram sobre questões ambientais, citaram a expectativa em torno da COP30, que será realizada em Belém em 2025, e trataram de transição energética e da busca por fontes limpas de energia. Lula ressaltou a intenção do governo brasileiro de iniciar uma “industrialização verde”, com baixa emissão de carbono, a partir da matriz energética do país, que já é uma das mais limpas do mundo.



Ricardo Stuckert

**URGÊNCIA** O presidente Lula discutiu com o primeiro-ministro Olaf Scholz o acordo entre Mercosul e União Europeia, que vem sendo tratado há 20 anos

## Acordo UE e Mercosul

Outro ponto da agenda de Lula em Nova York foi o acordo entre Mercosul e União Europeia. O tema foi tratado pelo presidente com o primeiro-ministro da Alemanha, Olaf Scholz, na terça-feira. Há 20 dias, durante encontros com a presidenta da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, e com o presidente do Conselho Europeu, Charles Michel, durante a Cúpula do G20, em Nova Delhi, na Índia, Lula já havia ressaltado que vai buscar um acordo equilibrado entre Mercosul e União Europeia. As tratativas devem levar em consideração as preocupações dos dois lados e permitir uma agenda comercial ambiciosa entre os blocos.

Além dos temas ligados ao acordo Mercosul-União Europeia, Lula e Olaf Scholz conversaram sobre a Guerra da Ucrânia e discutiram a conjuntura mundial. A agenda em Nova York marcou o terceiro encontro entre os dois líderes neste ano, após Scholz ter sido recebido por Lula em Brasília no final de janeiro e ter reencontrado o presidente brasileiro em Hiroshima, no Japão, durante a Cúpula do G7, em maio.

O tema do acordo comercial entre Mercosul e EFTA - a zona

de livre comércio de países europeus que não estão na União Europeia, formado por Suíça, Noruega, Islândia e Liechtenstein -, que está em discussão na esfera diplomática, foi tratado ainda por Lula com o presidente da Confederação Suíça, Alain Berset.

Na reunião bilateral com o presidente da Palestina, Mahmoud Abbas, Lula recebeu cumprimentos pelo discurso na abertura da Assembleia Geral. Em sua fala, Lula criticou o sistema de governança global, que ainda não conseguiu implementar a solução de dois Estados, Palestina e Israel, na região. Na assembleia geral, Lula disse que “não haverá sustentabilidade nem prosperidade sem paz e que os conflitos armados são uma afronta à racionalidade humana.

“É perturbador ver que persistem antigas disputas não resolvidas e que surgem ou ganham vigor novas ameaças. Bem o demonstra a dificuldade de garantir a criação de um Estado para o povo palestino”, discursou Lula. Abbas convidou Lula a visitar o país. A última visita de Lula ao Oriente Médio ocorreu em março de 2010, no fim de seu segundo mandato, quando o presidente do Brasil realizou sua primeira visita oficial à Palestina. •

# LULA E A NOVA ORDEM GLOBAL

Presidente brasileiro colocou nosso país no centro do mundo durante a abertura da 78ª Assembleia Geral das Nações Unidas em Nova York. Seu discurso deu voz a pobres, migrantes e refugiados

Zeca Dirceu

**O** pronunciamento histórico que o presidente Lula fez na abertura da 78ª Assembleia Geral das Nações Unidas, em Nova York, colocou o Brasil



no centro do mundo. Com postura de líder mundial, deu voz aos pobres, migrantes, refugiados, miseráveis, excluídos e a todas as pessoas marginalizadas do planeta. Lula tocou em temas essenciais aos brasileiros e a todos os povos, como o combate à fome, à desigualdade, ao racismo, à discriminação, à destruição ambiental e às guerras. E, sobretudo, deixou evidente a necessidade de construção de uma nova ordem global.

O mundo não pode girar mais na lógica da concentração das riquezas que produz pobreza e exclusão das pessoas do Estado de bem-estar social, com base em modelo que depreca a natureza e ameaça o planeta em nome do lucro insano e antiecológico. Para a construção de um mundo mais justo, solidário e sustentável, é preciso agir rápido, a começar pela reconfiguração do papel das instituições multilaterais, com mais protagonismo dos países em desenvolvimento, inclusive com a ampliação do Conselho de Segurança da ONU, ao qual o Brasil pleiteia um assento permanente.

Mudar as instituições multilaterais criadas no pós-Segunda Guer-

ra é tarefa urgente. Já não é mais admissível o controle das nações ricas sobre a agenda global. E o momento é propício, com a gradual perda de hegemonia do Ocidente e a emergência do chamado Sul Global. O mundo está maduro para mudanças.

Na nova geopolítica desponta, por exemplo, um novo papel do Brics, agora ampliado. O multilateralismo precisa ser reconstruído em novas bases, com maior peso dos emergentes nos processos de decisão. Como disse Lula: a ampliação recente do Brics "fortalece a luta por uma ordem que acomode a pluralidade econômica, geográfica e política do século 21."

Um maior protagonismo dos países em desenvolvimento é um objetivo articulado há mais de 60 anos, com o Movimento dos Países Não Alinhados, criado para lutar contra o imperialismo, o colonialismo, o neocolonialismo, o racismo e todas as formas de agressão estrangeira, ou com o Grupo dos 77 - uma coalizão de nações em desenvolvimento, que visa promover os interesses econômicos coletivos de seus membros e criar uma maior capacidade de negociação conjunta na ONU. Fatores diversos durante a Guerra Fria, inclusive os golpes patrocinados pelos Estados Unidos - como o que derrubou e assassinou Salvador Allende, em 1973, no Chile - , inviabilizaram os pleitos do então chamado Terceiro

Mundo. Hoje, o mundo é outro.

Lula deixou claro: Os países em desenvolvimento não querem mais se submeter ou ir a reboque de uma agenda ditada pelas nações ricas. Os foros alternativos ganharam muita força, mas para assegurar uma nova ordem mundial, será preciso muito diálogo entre as nações. As condições objetivas são favoráveis. Hoje, é necessário haver união em torno da paz e criar uma nova arquitetura de segurança e governança internacional, reduzir as desigualdades socioeconômicas e enfrentar com firmeza a mudança climática, uma ameaça sobre todo o planeta.

No âmbito interno, o Brasil tem feito com Lula o que ele disse na ONU. Ou seja, não foram palavras vazias. O Brasil, com o governo atual, resgatou programas de combate à fome e à miséria, como o Bolsa Família, aumentou os repasses para a aquisição de merenda escolar, retomou o Minha Casa, Minha Vida e a valorização do salário mínimo. No campo ambiental, reduziu drasticamente o desmatamento na Amazônia e passou a implementar programas estruturantes para assegurar uma transição energética de baixa pegada de carbono, com fontes limpas e sustentáveis.

Lula mostrou que o Brasil mudou, com um governo que busca o diálogo, o entendimento e a união do País. É um exemplo a ser replicado em escala global. •

Deputado federal pelo Paraná, é líder da bancada do Partido dos Trabalhadores na Câmara dos Deputados



**CREDIBILIDADE** O ministro da Fazenda anunciou o plano verde a investidores em Nova York e comemorou a boa receptividade para a emissão de títulos verdes. Recurso carimbado para financiar projetos sustentáveis no Brasil

## BRASIL ESTÁ NO RUMO CERTO

Apesar da má-vontade do Banco Central, que duvida da realidade, o governo Lula colhe boas notícias na economia, com projeções de crescimento superior a 3%, enquanto Haddad anuncia a emissão de títulos verdes e inflação cai

A percepção geral de que o Brasil está no rumo certo e que a economia está sendo bem conduzida pelo governo Lula é correta. O otimismo não é exagerado. A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico, o mercado financeiro e o Ministério da Fazenda

anunciaram na última semana uma revisão para cima das projeções de crescimento da economia para 2023. A expectativa é de que o Produto Interno Bruto (PIB) possa superar 3,2%. Isso acontece no momento em que o governo brasileiro anuncia a emissão de títulos verdes, com o objetivo de captar US\$ 2 bilhões - cerca de R\$ 10 bilhões, na cotação atu-

al - na Bolsa de Nova York.

Em seu périplo pelos Estados Unidos, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, disse que houve uma "extraordinária receptividade" dos investidores estrangeiros aos títulos verdes brasileiros que serão lançados nas próximas semanas. Ele avalia que será possível "neointustrializar" o país para produzir e expor-

tar produtos com boas práticas ambientais. A ideia é a de usar esses recursos no financiamento de projetos ambientalmente sustentáveis.

Haddad desembarcou em Nova York junto com o presidente Lula e teve encontros com empresários e investidores para anunciar plano verde. É a primeira vez que o Brasil oferece internacionalmente esse tipo de investimento. A equipe econômica se reuniu com mais de 60 fundos de investimentos, em 36 eventos. "A receptividade foi a melhor possível, porque esse recurso fica carimbado para financiar projetos sustentáveis, com taxas de juros mais convidativas", explicou o ministro. Haddad defendeu a matriz energética brasileira permite não só a preservação ambiental, mas uma nova maneira de "pensar o crescimento econômico sustentável do ponto de vista social, ambiental e fiscal".

Os sinais de que um novo tempo se abre para o Brasil são perceptíveis e confirmam a previsão de Lula. Em 3 de abril, durante reunião com sua equipe de ministros, o presidente disse: "Eu acho que a gente vai crescer mais do que os pessimistas estão prevendo. Vai acontecer mais coisas no Brasil do que as pessoas estão esperando". Naquele momento, o boletim Focus, que traz semanalmente as projeções do mercado financeiro para a economia, acabara de anunciar a previsão de um crescimento de 0,9% do PIB em 2023.

Cinco meses depois, o mercado dá razão a Lula. A última edição do boletim, divulgada na última segunda-feira, projeta um crescimento para a economia do país de 2,89%, 0,25 ponto percentual a mais que os 2,64% previstos na semana passada. Enquanto isso acontece, a projeção da inflação novamente caiu. Em janeiro, o boletim previa que

o Índice de Preços Ao Consumidor - Amplo (IPCA) fecharia 2023 em 5,89%. Na semana passada, estava 4,93%, e, nesta semana, em 4,86%.

A expectativa de uma inflação menor e um crescimento maior do que os projetados no começo do ano não ocorre apenas no mercado. A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico também vem revisando suas projeções para o Brasil.

Em março, a organização previa um crescimento de 1% para a economia brasileira este ano. Em junho, já apontava um PIB de 1,7%. Agora, em relatório também divulgado nessa segunda-feira, a OCDE apontou crescimento de 3,2% para o Brasil, quase o dobro do projetado três meses atrás. Já a projeção de inflação também foi reduzida pela OCDE. Em março, a organização previa um IPCA de 5,4%. No relatório de segunda-feira, esse índice foi reduzido para 4,9%.

As taxas previstas pela OCDE são praticamente as mesmas divulgadas pelo governo Lula. Na última semana, o Ministério da Fazenda também aumentou sua estimativa de PIB, elevando-a de 2,5% para 3,2%. Já a previsão de inflação foi mantida em 4,85%, como no boletim anterior, publicado em junho. Segundo a Secretaria de Políticas Econômicas (SPE) do ministério, o aumento da estimativa do PIB se deve aos bons resultados colhidos ao longo do ano.

"Além da surpresa com o avanço do PIB no segundo trimestre, também contribuíram para elevar a estimativa de crescimento no ano o aumento na safra projetada para 2023, resultados positivos observados para alguns indicadores antecedentes no terceiro trimestre e expectativas de recuperação da economia chinesa no quarto trimestre de 2023", informou a secretaria em nota. •

## BC FAZ CORTE DE JUROS A CONTA-GOTAS

O Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central anunciou, na quarta-feira, 20, nova redução de 0,5 ponto percentual da taxa básica de juros (Selic), que passa a ser de 12,75% ao ano. Com a decisão, o BC presidido por Roberto Campos Neto, indicado ao cargo por Jair Bolsonaro, segue com sua lentidão nos cortes e mantém o Brasil sob a maior taxa de juros real do mundo, na casa dos 8%.

A presidenta nacional do PT, deputada federal Gleisi Hoffmann (PR), voltou a condenar a conduta de Campos Neto, apontando que o economista joga contra o interesse nacional e contia fazendo com que o Brasil perca um tempo valioso para sua recuperação econômica. "O processo de redução da maior taxa de juros do planeta começou tarde e não pode ser feito a conta-gotas, como indica o comunicado do Copom desta quarta-feira", criticou. "O Brasil perdeu tempo demais com uma política monetária errada, imposta por um governo irresponsável e um BC sem compromisso com o país".

A Selic foi mantida em 13,75% por 12 meses até agosto, depois do processo de alta mais agressivo desde que o regime de metas para a inflação foi criado, em 1999. Só meses após o presidente Lula denunciar os males de tal política para a economia e receber apoio tanto de economistas quanto de empresários e trabalhadores, Campos Neto resolveu agir, mas mesmo assim a conta-gotas. • Agência PT



# O DESENROLA BRASIL COMEÇA UMA NOVA FASE

Para tirar do vermelho brasileiros que têm até R\$ 5 mil em dívidas, Ministério da Fazenda lança a terceira fase do programa que facilita renegociações como dívidas bancárias, compras em comércio e contas de água e luz

Isaías Dalle

**O** Desenrola Brasil, programa do governo federal para renegociação de dívidas e positavação de crédito, entra nas próximas semanas em sua terceira fase. Nela, pessoas com dívidas em atraso de até R\$

5 mil e que tenham renda mensal de até dois salários mínimos, ou que estejam inscritas no Cadastro Único (CadÚnico), poderão aderir. O Ministério da Fazenda, criador do Desenrola e que atua como fiador, informa que a abertura das renegociações acontecerá no início de outubro.

As contas em atraso podem ser

bancárias ou não bancárias, como dívidas com água, luz, compras no comércio ou prestações escolares. Os endividados que se encaixam no perfil dessa terceira fase do programa vão precisar acessar uma plataforma virtual criada para este fim, dentro do site gov.br. Para tanto, vão precisar se cadastrar.

O governo federal estima que

mais de 32 milhões de pessoas preenchem os requisitos para a nova fase do Desenrola Brasil. Uma novidade desta etapa, introduzida por emenda do deputado Alencar Santana (PT-SP), é que dívidas contraídas junto a microempreendedores individuais (MEI's) também poderão ser renegociadas.

Antes da abertura do cadastro para as pessoas físicas pleitearem renegociação, o Ministério da Fazenda vai abrir um leilão público para que as empresas, bancos e MEI's credoras possam oferecer descontos nas dívidas. Aqueles que apresentarem as melhores propostas de redução de valores em atraso terão prioridade para receber.

No papel de avalista, o próprio governo vai oferecer a garantia de que as renegociações serão cumpridas, com recursos do Fundo de Garantia de Operações (FGO). Este tem sido o pilar do programa desde sua primeira fase, quando dívidas de até R\$ 100 foram encerradas automaticamente.

Desde o seu início, no mês de julho, o Desenrola Brasil já promoveu a regularização de cadastros de aproximadamente 2 milhões de pessoas, por intermédio de quitação facilitada ou parcelamento das contas em atraso. Em dinheiro, isso representou, até agora, R\$ 13,2 bilhões em acertos negociados e positividade do crédito de quem se beneficiou.

Agora com o nome limpo, parte desses consumidores participam de um processo de retomada do crédito, captada em pesquisa recente pela federação de bancos, a Febraban: há uma projeção de crescimento de 9,8% no segmento de empréstimos a famílias até o final deste ano. Em maio, quando já havia a expectativa do mercado pela criação do programa Desenrola, essa projeção era menor, de 8,5%.

O quadro geral tem estimulado um clima de otimismo, captado

do por outra pesquisa da mesma instituição. No início de setembro, o Radar Febraban, em entrevista com 2 mil pessoas em todo o país, captou que a confiança de que a economia brasileira vai melhorar mais em 2023 chegou a 59%.

A mesma pesquisa registrou que 55% dos entrevistados aprovam a gestão Lula. 48% acham que o Brasil está melhor. Na pesquisa anterior, realizada em abril, o número era de 37%. Entre as razões apontadas para o otimismo, o Desenrola Brasil. Por sinal, 70% dos entrevistados disseram conhecer o programa de renegociação, o que comprova acerto na estratégia de divulgação do Desenrola, que constava entre as promessas do então candidato Lula.

## 32 MILHÕES

de brasileiros  
preenchem os  
requisitos para  
participar da nova fase  
do Desenrola Brasil e  
limparem o seu nome

Os efeitos do programa podem ser percebidos também nas renegociações de dívidas intermediadas por uma especialista no assunto. A Serasa, tradicional balcão de soluções para inadimplência, vem registrando este ano um número maior de acordos do que em 2022. A Serasa não opera o Desenrola Brasil, salvo se algum banco a contrata como terceirizada no processo. Mas a retomada da economia e o clima de renegociação impactam também por lá, inclusive em acordos fechados entre inadimplentes e segmentos até então não cobertos pelo Desenrola Brasil, como comércio e prestadoras de serviços.

Em agosto, por exemplo, foram

3,3 milhões de acordos mediados pela Serasa, contra 2,9 milhões no mesmo período do ano anterior. A maioria deles no setor de telefonia e telecomunicações, 32,6%. Junto a grandes bancos, filão principal do Desenrola, a consultoria registrou 14,4% do total de renegociações que intermediou.

A mesma Serasa captou queda nas taxas de novas contas em atraso por dois meses seguidos, desde que o programa do governo foi iniciado. Em agosto, no entanto, houve uma pequena elevação, de 0,45% em relação ao mês anterior.

O surgimento de novos inadimplentes a cada mês tem se mantido, ao longo de 2023, em patamares ligeiramente mais altos do que em 2022. Atrasos de 30 dias na quitação dos débitos já inserem as pessoas nesta categoria. Em parte, os números menores em 2022 se deveram à diminuição do crédito bancário, excluindo os devedores com atrasos mais duradouros. A maior parte das dívidas em atraso registradas pela Serasa, em torno de 30%, referem-se a cartões de crédito. Em seguida, vêm as contas de consumo, como água e luz.

A expectativa é que a terceira fase do Desenrola Brasil vai interferir positivamente nestes números a partir de outubro. Por sinal, a média de dívidas em atraso, segundo a Serasa, é de R\$ 4.948, justamente o próximo alvo do programa do governo Lula.

Outra frente de combate ao endividamento refere-se à queda mais acentuada na taxa básica de juros, a Selic. Por sinal, além de uma necessidade, um desejo: em agosto, 83% dos executivos de bancos ouvidos por pesquisa da Febraban disseram esperar queda de pelo menos 0,5% em todas as próximas reuniões do Conselho de Política Monetária (Copom) do Banco Central. Supõem-se que uma cópia desta pesquisa tenha chegado à mesa do presidente do BC, Roberto Campos Neto. •



# TRANSFORMAR NOSSA ECONOMIA

# VERDE

Apesar dos desafios, vemos nossa proposta de transformação ecológica como uma oportunidade para os brasileiros

Fernando Haddad

**N**ão é exagero dizer que encontramos nosso país em farrapos quando assumimos o cargo há menos de um ano. O crescimento econômico estava desacelerando, as tendências da dívida eram preocupantes, para dizer o mínimo, e as taxas de juros reais eram as mais altas do mundo. Talvez ainda mais importante, o tecido social da sociedade brasileira precisava urgentemente de uma nova união depois que a nova administração chefiada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva enfrentou um ataque direto e violento às instituições democráticas do Brasil.

Esses primeiros meses tempestuosos já ficaram para trás. Iniciamos um ciclo de reformas de crescimento e aumento da produ-

tividade, enquanto nos esforçamos para recuperar a fé do povo brasileiro em soluções democráticas para nossos muitos desafios econômicos e sociais. Mas nosso trabalho está apenas começando. Olhando para o futuro, agora temos nossos objetivos em um plano ambicioso e abrangente para a transformação ecológica.

O Brasil já se destaca como líder mundial na economia verde. Noventa e dois por cento da nossa eletricidade vem de fontes renováveis e, apesar do crescente desmatamento sob o governo anterior, grande parte da nossa vegetação nativa ainda está de pé. Como vários outros países, reconhecemos que cumprir nosso compromisso com o Acordo de Paris com uma economia líquida zero será um desafio.

Nossas ambiciosas contribuições determinadas nacionalmente para reduzir as emissões de carbono (NDCs) estão atualmente definidas em 37% até 2025 e 50% até 2030, com o objetivo de finalmente atingir zero líquido até 2050. Em última análise, vemos a descarbonização e a diversificação dos combustíveis fósseis não como um custo, mas como uma oportunidade para criar empregos, aumentar a renda e melhorar a vida de milhões de brasileiros.

Sob a liderança do presidente Lula, e em estreita cooperação com minha colega Marina Silva, ministra do Meio Ambiente, estamos agora propondo uma nova perspectiva para o país: uma transformação abrangente de nossa economia e sociedade por meio de infraestrutura mais verde, agricultura sustentável, reflorestamento, economia circular, aumento do uso da tecnologia em processos produtivos e adaptação climática. Estamos comprometidos em compartilhar essas experiências contínuas e ajudar outros países a realizar suas transições verdes.

Nosso plano já está em andamento. Difere da Lei de Redução da Inflação da América, que mobilizou

uma grande quantidade de recursos orçamentários para distribuir em uma miríade de setores. Em vez disso, o nosso funcionará como um mosaico de políticas regulatórias e fiscais que serão aprovadas pelo Congresso de maneira gradual, mas intensiva.

O mercado de carbono, nossa primeira medida histórica, seguirá os passos do Sistema de Comércio de Emissões da União Europeia. Este projeto é de escopo universal e se aplica a todas as unidades de produção que emitem mais de

## NOSSO OBJETIVO AGORA É CONCILIAR O CRESCIMENTO ECONÔMICO ROBUSTO E A MUDANÇA SOCIAL COM A PROTEÇÃO AMBIENTAL

25.000 toneladas de carbono por ano. A maioria de suas receitas recém-geradas será alocada para pesquisa e desenvolvimento.

Além disso, este novo mercado protegerá as comunidades indígenas e tradicionais, impondo regras sólidas para a redistribuição do lucro. Em termos de proteção florestal, estamos fortalecendo os sistemas de controle e monitoramento enquanto promovemos concessões florestais a parceiros privados, ligando o financiamento agrícola a melhores padrões ambientais.

Os investidores estrangeiros

que desejam descarbonizar sua cadeia de produção e investir em inovação limpa serão muito bem-vindos para nos ajudar a acelerar esta nova fase do desenvolvimento brasileiro. Além das exportações tradicionais, a produtividade e a inovação devem se tornar a chave para reduzir nossas emissões, ao mesmo tempo em que criam grandes oportunidades de investimento e milhões de empregos de alta qualidade e bem remunerados.

É importante ressaltar que nosso plano será sustentado por uma sólida base fiscal e regulatória. Nos últimos oito meses, aprovamos uma regra fiscal moderna que tranquilizou os agentes econômicos nacionais e internacionais de nosso compromisso de controlar os déficits. Além disso, estamos perto de concluir uma reforma tributária há muito esperada, mas nunca entregue, de acordo com as melhores práticas internacionais.

A melhoria das condições macroeconômicas é um reflexo precoce da nossa agenda de reformas e deve durar. Assim como nossas conquistas ambientais. As ações adotadas por nossa administração produziram uma redução de 48% no desmatamento nos primeiros oito meses deste ano em comparação com o mesmo período do anterior.

Nosso objetivo agora é conciliar o crescimento econômico robusto e a mudança social com a proteção ambiental. Buscamos promover uma mudança secular em nosso modelo de desenvolvimento que melhore nossa posição na economia global. Com nossa presidência do G20 se aproximando, o Brasil está pronto para olhar para o futuro novamente e recuperar nossa posição natural e histórica como líder na agenda de desenvolvimento sustentável e inclusivo. •

Economista e advogado, é ministro da Fazenda. Foi ministro da Educação nos governos Lula e Dilma Rousseff e prefeito de São Paulo. Este artigo foi publicado originalmente no jornal britânico *Financial Times*, em 18 de setembro



**CONSULTA** Segundo o ex-ajudante de ordens do presidente, Bolsonaro esteve com a cúpula das Forças Armadas em dezembro para discutir a possibilidade de apoio a um golpe de Estado que o levasse a se manter no poder

# CONSPIRAÇÃO EM DEZEMBRO

O tenente-coronel Mauro Cid diz em delação premiada à Polícia Federal que Jair Bolsonaro consultou a cúpula militar sobre a execução de um golpe que impedisse Lula de assumir a Presidência. Revelações comprometem ainda mais o ex-mandatário, que parece cada dia mais perto da prisão

**E**ra questão de dias ou horas. Uma semana depois que o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal, homologou o acordo de delação do tenente-coronel Mauro Cid, ex-ajudante de ordens de Jair Bolsonaro no Palácio do Planalto, a bomba explodiu. Na quinta-feira, 21, o UOL divulgou reportagem de Aguirre

Talento, apontando que, num dos trechos do acordo fechado com a Polícia Federal, Cid informa que o ex-presidente consultou a cúpula das Forças Armadas para desencadear um golpe de Estado.

No final de dezembro, o chefe das Forças Armadas se encontrou com os comandantes do Exército, Marinha e Aeronáutica com o objetivo claro de tomar o poder e impedir a posse de Luiz Inácio

Lula da Silva, que havia sido eleito em outubro. Cid disse ainda que o então comandante da Marinha, almirante Almir Garnier, manifestou-se favoravelmente ao plano golpista durante as conversas de bastidores, mas não houve adesão da cúpula militar.

Cid disse que Bolsonaro recebeu o rascunho de um decreto, das mãos do ex-assessor de política externa do Palácio do Pla-

nalto, Filipe Martins, que delinearia planos para convocar novas eleições e a prisão de rivais políticos. Martins e Bolsonaro teriam realizado a “reunião secreta” em 18 de dezembro de 2022. Bolsonaro divulgou nota em que repete seu mantra de que sempre agiu “dentro das quatro linhas da Constituição”, mas não se refere às acusações específicas de seu ex-assessor.

A situação jurídica do ex-presidente é crítica e até articulistas como Merval Pereira, colunista do jornal O Globo, defendeu a prisão do ex-presidente, diante das evidências de que ele conspirou contra a democracia. Na Câmara, o deputado Rogério Correia (PT-MG) disse que o conteúdo da delação de Cid deixam Bolsonaro cada vez mais perto da prisão. “Para mim, o indiciamento de Bolsonaro são favas contadas”, comentou.

O tenente-coronel fez um acordo judicial com a Polícia Federal ainda em setembro depois de ser preso em maio. O ex-ajudante de ordens de Bolsonaro disse à polícia que o então comandante da Marinha avisou o então presidente que “suas tropas estavam prontas para agir [e estavam] apenas aguardando sua ordem”. Cid é visto como o flanco mais fraco do ex-presidente. O tenente-coronel conviveu diariamente com ele durante todo o seu mandato, sendo o responsável por acompanhá-lo todos os dias.

Ex-ministro chefe do Gabinete de Segurança Institucional, general Augusto Heleno negou ter conhecimento de tal conspiração. “Essa conversa nunca aconteceu durante o governo do presidente Bolsonaro. Desde o início ele sempre falou em jogar dentro das quatro linhas [da Constituição]”, disse.

O envolvimento de militares num plano para tomar o poder já vem sendo denunciado por

parlamentares e a própria imprensa desde janeiro deste ano, quando no dia 8, apoiadores de Bolsonaro tomaram a capital federal, invadiram as sedes dos Três Poderes e pregaram abertamente uma intervenção das Forças Armadas.

Há duas semanas, Rogério Correia disse que, embora o conjunto das Forças Armadas não tenha aderido ao golpe, alguns oficiais estavam prontos para rasgar a Constituição. “É fato que as Forças Armadas, no seu conjunto, não foram nesta onda, mas (...) é óbvio que houve conivência de setores das Forças Armadas com o processo de golpe. Isso tem de ser esclarecido, e aqueles que assim agiram terão de ser punidos”, disse.

Correia tomou o depoimento do general Gustavo Henrique Dutra de Menezes na CPI dos Ataques à Democracia. Até janeiro de 2023, Dutra era comandante militar do Planalto e, portanto, responsável pela área do Quartel General do Exército em Brasília, onde golpistas acamparam por 69 dias até atacar, em 8 de janeiro, os edifícios do Palácio do Planalto, Congresso e Supremo.

Bolsonaro foi condenado pelo Tribunal Superior Eleitoral e está proibido de concorrer às eleições pelos próximos oito anos. Além deste caso, ele também é investigado em uma longa série de denúncias. Na investigação aberta pelo Supremo para apurar a tentativa de golpe de 8 de janeiro, ele já é apontado como o suposto instigador do ataque às sedes dos Três Poderes em Brasília, ação executada por milhares de seus seguidores. Os primeiros julgamentos, realizados na semana passada, terminaram em penas de 17 a 14 anos de prisão. Três golpistas foram condenados. Mas ainda há mais de 1.300 no banco dos réus. •

## STF DERRUBA O MARCO TEMPORAL

O Supremo Tribunal Federal bloqueou os esforços para retirar drasticamente os direitos dos indígenas às suas terras indígenas, em decisão que é considerada uma vitória importante dos povos indígenas do Brasil e uma derrota da chamada bancada ruralista.

A ministra dos Povos Indígenas do Brasil, Sônia Guajajara, comemorou o que chamou de “uma grande conquista”, fruto de anos de luta e protesto. “Viva a resistência indígena”, tuitou Eloy Terena, um advogado indígena que é alto funcionário do ministério.

Nove dos 11 ministros do STF votaram contra o que grupos de direitos humanos apelidaram de “truque do limite de tempo” – uma tentativa apoiada pelo agronegócio para impedir que as comunidades indígenas reivindicassem terras que não ocupavam fisicamente em 1988.

Houve cenas emocionantes do lado de fora da sede da Suprema Corte em Brasília, na quinta-feira, 21, depois que a maioria foi formada para apoiar a decisão em favor dos direitos indígenas. Alguns ativistas choraram de alegria; outros dançaram.

Ao votar contra a tese que a maioria dos ministros considerou inconstitucional, a juíza Cármen Lúcia Antunes Rocha disse: “Estamos cuidando da dignidade étnica de um povo que foi dizimado e oprimido durante cinco séculos de história”. A sociedade brasileira tinha “uma dívida impagável” com os povos originários do país. Votaram a favor da tese do marco os ministros Kássio Nunes Marques e André Mendonça. •



# DILMA MANTÉM DIREITOS POLÍTICOS

Por dez votos a 0, o STF aponta que não cabe alterar formato de votação do processo de impeachment da ex-presidenta

**D**epois de o Tribunal Regional Federal da 1ª Região (TRF-1) arquivar a acusação de que Dilma Rousseff teria cometido “pedaladas fiscais”, colocando-a na condição de inocente e vítima de uma trama armada pela oposição e integrantes do MDB, agora é a vez do Supremo Tribunal Federal confirmar os direitos políticos da ex-presidenta da República.

Por 10 votos a 0, o STF rejeitou recurso do PSL que buscava invalidar a votação no impeachment da ex-presidenta, mantendo os seus direitos políticos mesmo após o afastamento, decretado pelo Senado Federal em 31 de agosto. O julgamento do Supremo ocorreu no plenário virtual.

Durante o impeachment, os senadores fariam a votação da condenação de Dilma em duas etapas. A primeira levou a petista

à perda do mandato e, a segunda, manteve os direitos políticos da ex-presidente. O PSL contestava no STF o rito adotado pelo Senado na ocasião.

A presidente da Suprema Corte, Rosa Weber, votou a favor da manutenção dos direitos políticos de Dilma. Na sentença, Weber considerou que não cabe ao STF alterar o formato de votação do processo de Dilma, que possuiu um caráter eminentemente político. Todos votaram em favor da decisão que manteve os direitos da ex-presidenta. O ministro Luiz Roberto Barroso não participou.

Parlamentares do PT comemoraram. “O STF formou maioria e manteve os direitos políticos de Dilma Rousseff, mantendo a decisão do Senado. Todos sabemos que o impeachment foi um golpe, pois não houve crime de responsabilidade. Arrancar direitos políticos de Dilma, uma mulher hones-

ta e honrada, seria uma violência”, comentou o deputado Lindbergh Farias (PT-RJ).

Em agosto, o TRF-1 manteve uma decisão que já havia sido tomada em primeira instância, em setembro de 2022, pela 4ª Vara Federal Cível do Distrito Federal. À época, o juiz Frederico Botelho de Barros Viana negou a ação de improbidade administrativa apresentada pelo Ministério Público Federal (MPF) sobre as chamadas “pedaladas fiscais”.

“Claramente, (...) o MPF não atribuiu conduta específica a cada um dos requeridos, procedendo a uma narrativa geral (...) que imputa genericamente às pessoas jurídicas. Do mesmo modo, não se verifica a prova da existência de dolo nas condutas noticiadas”, disse. Além de Dilma, foram inocentados o ex-ministro da Fazenda Guido Mantega e o ex-presidente do BNDES Luciano Coutinho. •

30 de setembro de 1937

## GOVERNO E EXÉRCITO FORJAM O PLANO COHEN

O governo Vargas anuncia a descoberta do Plano Cohen, pelo qual os comunistas pretendiam atacar o país, incendiar prédios públicos, promover fuzilamentos, greve geral, saques e desordem. O plano teria sido elaborado pela 3ª Internacional Comunista (“Komintern”). O documento chega às mãos de Getúlio depois de circular pelos quartéis.

Tudo mentira. O Plano Cohen, anunciado pelo governo como se fosse uma grave ameaça ao país, fora arquitetado pelo capitão Olímpio Mourão Filho, organizador das milícias da Ação Integralista Brasileira e lotado no setor de inteligência do Estado-Maior do Exército.

Tratado como verdadeiro, o “plano” foi divulgado pelo programa radiofônico oficial, com o intuito de reacender a histeria anti-comunista e preparando a opinião pública para aceitar uma ditadura – o que não demoraria a acontecer. Em 1º de outubro, a Câmara Federal aprovaria, por 138 votos a 52, a implantação do estado de guerra. No dia 10 de novembro, Getúlio anunciaria ao país e ao mundo a instituição do Estado Novo.

Só em 1945 os brasileiros saberiam que o Plano Cohen não havia passado de uma grosseira falsificação. Muitos anos mais tarde, o mesmo Mourão Filho, já promovido a general, seria responsável pela deflagração do golpe militar de 1964.

*Esta seção é fruto da parceria entre o Centro Sérgio Buarque de Holanda, da FPA, o Memorial da Democracia e o Instituto Lula. Envie suas sugestões por e-mail para [memoria@fpabramo.org.br](mailto:memoria@fpabramo.org.br) ou [memorialdademocracia.com.br](http://memorialdademocracia.com.br)*



25 de setembro de 1956

## O MITO DE ORFEU E EURÍDICE SOBE O MORRO

Entra em cartaz, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, “Orfeu da Conceição”, história da mitologia grega adaptada para as favelas cariocas, em parceria inédita do poeta Vinícius de Moraes com o músico Tom Jobim.

O Municipal recebeu cenários de Oscar Niemeyer, que ocupou o palco com rampas e escadas para representar as subidas e descidas dos morros do Rio, onde se passa a história de amor de Orfeu e Eurídice.

O protagonista é um sambista negro. Na leitura de Vinícius, Orfeu, filho de um músico e de uma lavadeira, apaixona-se por Eurídice. A paixão desperta o ciúme e a ira de Mira, sua ex-namorada, que manipula Aristeu, apaixonado por Eurídice, a matá-la.

Numa terça-feira de Carnaval, Orfeu desce o morro à procura de Eurídice – uma alusão à descida ao Inferno do mito original. De volta à favela, Orfeu é morto por Mira e por outras mulheres.

Ronaldo Bôscoli aproximou os diálogos do linguajar popular dos morros. Os atores eram negros: Haroldo Costa interpretou Orfeu, Lea Garcia deu vida a Mira, Dirce Paiva foi Eurídice, e Abdias Nascimento, Aristeu. A peça ficaria em

cartaz durante uma semana, com casa lotada todos os dias – mas a temporada foi curta demais para cobrir os gastos.

Uma das canções do espetáculo, “Se Todos Fossem Iguais a Você”, já prenunciava a bossa nova.

Em 1959, o diretor francês Marcel Camus dirigiria “Orfeu Negro”, com roteiro de Jacques Viot adaptado de “Orfeu da Conceição”. O filme receberia a Palma de Ouro e o Oscar de melhor filme estrangeiro.

Apesar da visibilidade internacional que a película deu à sua peça, Vinícius não aprovou o resultado, pois trazia uma visão europeia do Brasil, marcada pelo exotismo e por estereótipos.

Nenhuma das canções de Vinícius e Tom para o teatro foi aproveitada – a dupla compôs três músicas inéditas para o filme, entre elas, “A Felicidade”, gravada por Agostinho dos Santos. Mas o sucesso internacional ficou com “Manhã de Carnaval”, de Luís Bonfá e Antônio Maria.

O poeta assistiu ao filme pela primeira vez ao lado do presidente Juscelino Kubitschek. Irritado, abandonou a sessão antes que as luzes se acendessem.

25 de setembro de 1987

# MACONHA PARA TODOS. O VERÃO DA LATA LEVA A JUVENTUDE À LOUCURA

José Renato, CPDocJB

O “verão da lata” foi o último suspiro libertário da contracultura no Brasil. Em setembro de 1987, latas semelhantes às de leite em pó são encontradas boiando no litoral entre o Rio de Janeiro e São Paulo. Cada uma tinha um conteúdo surpreendente e inusitado: 1,5 kg de maconha.

Descobriu-se depois que as latas eram transportadas pelo navio Solana Star, procedente de Cingapura com destino a Miami. A embarcação tinha escala programada para o Rio de Janeiro. Diante da suspeita de que a Polícia Federal faria uma vistoria a bordo assim que o navio atracasse, a tripulação lançou 15 mil latas ao mar sem contar que elas boiariam até alcançar a praia.

Divulgada a descoberta, usuários da droga passaram a fazer incursões ao litoral em busca de



latas perdidas, dando origem ao mais improvável verão brasileiro – o “verão da lata”.

O episódio inspirou algumas

canções, muitas gírias e algumas lendas urbanas. Também marcou o último suspiro da contracultura no país.

## Setembro de 1972 ANISTIA RELATA A TORTURA NO BRASIL

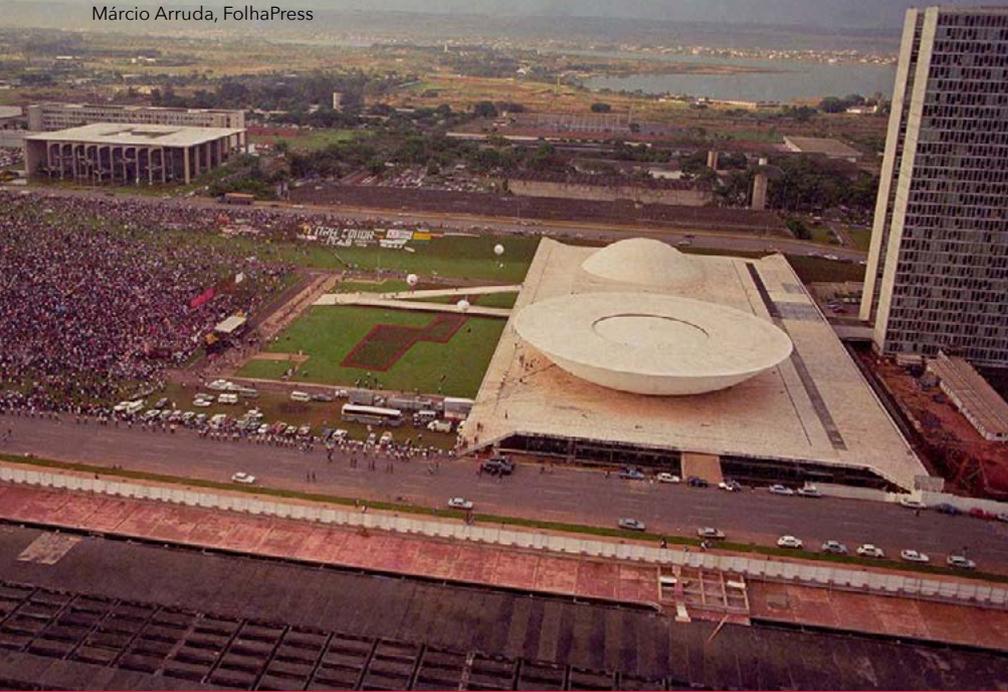
A Anistia Internacional divulga relatório sobre violação dos direitos humanos no Brasil e lista os nomes de 472 torturadores e de 1.081 torturados. O documento trazia um estudo sobre a legislação repressiva desde o golpe militar, depoimentos de presos e perseguidos políticos, de advogados e representantes da igreja católica. Também descrevia as técnicas de tortura e identificava muitos locais onde os presos eram seviciados.

Reprodução



A entidade concluiu que a tortura de presos políticos no Brasil era praticada de forma crescente e sistemática desde

1968. A divulgação de notícias sobre a Anistia Internacional foi proibida pela censura brasileira.



29 de setembro de 1992

## IMPEACHMENT É TESTE PARA A DEMOCRACIA

Por 441 votos a 38, o plenário da Câmara dos Deputados aprova a abertura do processo de impeachment de Fernando Collor de Mello. O presidente é afastado de suas funções por 180 dias, prazo para a conclusão do processo a ser conduzido pelo Senado, conforme previsto na Constituição.

A decisão da Câmara foi resultado do relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) mista, que apurou denúncias feitas por Pedro Collor de Mello, irmão do presidente. Pedro revelara a existência de um esquema de cobrança de propinas e desvio de recursos públicos comandado por Paulo César Farias, ex-tesoureiro da campanha de Collor, dentro do governo. A CPI concluiu que o presidente estava envolvido em crimes comuns e de responsabilidade.

As revelações da comissão haviam causado grande indignação na população. Os presidentes da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), Barbosa Lima Sobrinho, e da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Marcelo Lavênere, haviam apresentado ao presi-

dente da Câmara, Ibsen Pinheiro, um pedido de abertura de processo de impeachment contra o presidente. A União Nacional dos Estudantes (UNE) convocou grandes manifestações em que jovens saíram às ruas de caras pintadas de verde e amarelo.

Acuado pelas denúncias, Collor conclamou o povo a defendê-lo, saindo às ruas de verde e amarelo num domingo, às vésperas da votação do relatório da CPI. As multidões responderam vestindo roupas pretas em manifestações de protesto em várias cidades e capitais.

Muitos líderes do Congresso hesitaram inicialmente em apoiar o pedido de impeachment, como o deputado Ulysses Guimarães (PMDB-SP), temendo uma crise institucional. Os parlamentares acabariam concluindo que a democracia brasileira estava madura e passaria pelo teste.

Collor seria levado a julgamento pelo Senado em 29 de dezembro, data em que foi aprovado o impeachment, com a perda do mandato presidencial e a suspensão de direitos políticos por oito anos.

30 de setembro de 1982

## UNE ESCOLHE A SUA PRIMEIRA PRESIDENTA

O 34º Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE), em Piracicaba (SP), elege pela primeira vez uma mulher, Clara Araújo, para a presidência da entidade. O congresso foi monitorado pela repressão. A Operação Pira, cujos registros permaneceram nos arquivos do Dops, foi montada especificamente para fazer a “vigilância” do evento, com agentes infiltrados entre os participantes.

Setembro de 2005

## ‘DEIXA SANGRAR’ É A APOSTA DA OPOSIÇÃO

A crise política decorrente das denúncias de corrupção envolvendo membros do governo Lula e da base aliada inaugura um novo cenário na política brasileira. A um ano da eleição presidencial, a oposição, que vinha perdendo popularidade desde 2002, vê surgirem novas oportunidades de crescimento político e eleitoral.

Partidos da oposição, sob a liderança do PSDB e do DEM, seguiam uma estratégia de enfraquecimento do governo, com investigações, denúncias e CPIs. Nos bastidores, suas lideranças falavam em “deixar o governo sangrar”, para que ele chegasse enfraquecido às eleições de 2006, permitindo o retorno da oposição ao comando do país.

Apesar da queda da popularidade do presidente e de seus aliados no segundo semestre de 2005, a oposição não conseguiria, no entanto, construir lideranças fortes capazes de catalisar a confiança dos descontentes. Lula (e a esquerda, de modo geral) recuperaria sua popularidade e chegaria à reeleição em 2006.

Setembro de 2005

## NOVO TEMPO. INTERNET ALTERA AS VIAS DA VISIBILIDADE DO HUMOR NACIONAL

Reprodução

O artista plástico, poeta e quadrinista André Dahmer, conhecido pelas tiras que, desde 2001, publica em seu blog, lança seu primeiro livro, "Malvados", pela editora Gênesis.

Integrante da nova geração de cartunistas que surgiram com a popularização da internet, o autor deve seu sucesso àquilo que publicava autonomamente nas redes sociais. Com suas tirinhas de humor ácido, com críticas mordazes sobre a nova era da informação, Dahmer se tornaria um ícone do período, em conjunto com uma série de cartunistas de diferentes estilos, como Carlos Ruas, Vítor Teixeira e Carlos Latuff.

A internet alteraria a lógica da visibilidade do trabalho de artistas de diversas áreas. A possibilidade de criar e publicar tirinhas de maneira independente em blogs e redes sociais, sem custo adicional, favorece a multiplicação dos artistas na primeira década do século 21.

Além de cartunistas, escritores e cronistas, também ganhariam visibilidade os vloggers e "youtubers" – jovens que atrairiam grande quantidade de fãs nas redes sociais com seus vídeos contendo análises, percepções e críticas de diversos temas.

Outro fenômeno na produção artística do período, que se estendeu inclusive à música e ao audiovisual, foi a bandeira do "copyleft" – criação de obras sem direito autoral, baseado em construção coletiva. É também no período que surge o movimento Creative Commons, partindo das mesmas premissas: liberdade de criação e disseminação de conteúdos no mundo digital.

Depois de "Malvados", Dahmer publicaria "O Livro Negro de André Dahmer" (2007), "Malva-



dos" (2008), "A Cabeça e a Ilha" (2009), "Rei Emir Saad: O Monstro de Zazanov" (2011), "Minha Alma Anagrama de Lama" (2013)

e "Vida e Obra de Terêncio Horto" (2014). Suas tirinhas iriam para as páginas do "Jornal do Brasil", "Folha de S.Paulo" e "O Globo".



# OS MUTANTES NA ROLLING STONE

A edição da mais prestigiada revista de rock dos EUA lista os 50 melhores discos de rock da América Latina e a banda de Rita Lee e dos irmãos Baptista brilha com outros nomes e outras surpresas

**Bia Abramo**

**É**, no mínimo, curiosa a lista dos discos brasileiros incluídos nos 50 melhores álbuns de rock latino, elaborada pela revista norte-americana Rolling Stone. O Brasil comparece com nove discos, perdendo apenas para Argentina e México. O brasileiro mais bem colocado é “Clube da Esquina”, de Milton Nascimento e Lô Borges (1972), na quarta posição. Outro brasileiro, “Mutantes”, estréia da banda em disco de 1968, no auge dos festivais, aparece ainda entre os primeiros dez melhores colocados.

Do período, digamos, mais roqueiro da MPB, os anos 1960 e 1970, temos a Jovem Guarda batendo ponto com “Roberto Car-

los Em Ritmo de Aventura” (1967) na 19ª posição, bem como “Fruto Proibido”, de Rita Lee & Tutti Frutti (1975), na 41ª; e o “Krig-ha Bando-lo!”, de Raul Seixas (1973), na 43ª. Dos anos 1980, Paralamas emplacaram no seu híbrido “Selvagem?” (1986) no 34º lugar e, dos 2000, Los Hermanos aparecem com “Ventura” (2003) no 29º. E então um salto para discos que dificilmente entrariam em listas de melhores discos de rock, caso elaboradas por uma revista brasileira: “Karnak”, do projeto homônimo de André Abujamra, em 17º e “Os Tribalistas” de Arnaldo Antunes, Marisa Monte e Carlinhos Brown num surpreendente 21º.

A lista foi elaborada pelo repórter da revista Rolling Stone dos EUA, o jornalista argentino Ernesto Lecner. Esta versão 2023 amplia uma lista original de apenas

10 discos e oferece uma variedade maior de países e sonoridades da América Latina.

Nomes clássicos como Santana, Fito Paéz, Café Tacvba, Charly García, Aterciopelados aparecem no ranking, ao lado de representantes de sonoridades menos associadas ao rock, como a do rei do reggaeton Juanes, o do afrobeat colombiano do Diamante Eléctrico ou o trap do El Mató a Un Policía Motorizado.

## Incoerências e deslizes

Na lista brasileira, não é surpreendente que “Clube da Esquina” tenha ficado entre os cinco melhores. A aventura coletiva de Milton e de Lô Borges da década de 1970 e que vai resultar em neste álbum duplo e ousado, andou atraindo atenções no mundo todo, desde

que “descoberto” de uns anos para cá por jornalistas estrangeiros com a obra que dialoga tanto com a tradição como com rock mais psicodélico e conceitual dos anos 1960.

Da mesma maneira, também é previsível que o grupo que ensinou os tropicalistas a tocar instrumentos eletrificados na era dos festivais, “Os Mutantes”, estivesse na lista. Desde que o inglês Beck se aventurou a entender a Tropicália, no final dos anos 1980, os Mutantes tem sido cultuados como um grupo de art rock de vanguarda por artistas gringos do Hemisfério Norte.

Da mesma maneira, natural ver na lista a ex-mutante Rita com um disco da excelente fase com o Tutti Frutti e a estreia em disco de Raul Seixas.

A partir dos anos 1980, a lista parece conter algumas injustiças ou obedecer a critérios não tão claros - do ponto de vista do cenário brasileiro, bem entendido. As presenças de Karnak, Os Tribalistas e Los Hermanos sugere que, talvez, o jornalista não conheça tão a fundo esse período na música brasileira ou, no mínimo, escolheu entre um repertório limitado de discos.

Estranha a ausência, por exemplo, de bandas ou estilos mais significativas dos anos 1990, como o mangue bit de Chico Science & Nação Zumbi ou do Mundo Livre S/A. Curioso, por exemplo, que a voz feminina mais claramente roqueira desse período, Cássia Eller, não tenha sido contemplada. E que dois discos de impacto relativamente pequeno, tanto no sentido de público como de continuidade estilística, o do Karnak e do Los Hermanos, tenham entrado numa seleção tão disputada. No entanto, como é uma lista de um autor só, pode-se relevar esses deslizos ou, melhor dizendo, a obscuridade dos critérios. •

## A ROLLING STONE ESCOLHE OS 50 ÁLBUNS DE ROCK DA AMÉRICA LATINA

50	Los Shakers. La Conferencia Secreta Del Toto's Bar	1968	25	Molotov. ¿Dónde Jugarán Las Niñas?	1997
49	Diamante Eléctrico. Mira Lo Que Me Hiciste Hacer	2021	24	Andrés Calamaro - El Salmón	2000
48	La Revolución de Emiliano Zapata. Revolución de Emiliano Zapata	1971	23	Los Prisioneros. Corazones	1990
47	Los Jaivas. Alturas de Macchu Picchu	1981	22	Fito Páez. El Amor Después Del Amor	1992
46	Los Van Van. Los Van Van	1974	21	<b>Tribalistas. Tribalistas</b>	2002
45	Los Bunkers. Vida de Perros	2005	20	Moris. Treinta Minutos de Vida	1970
44	Génesis. Génesis	1974	19	<b>Roberto Carlos. Em Ritmo de Aventura</b>	1967
43	<b>Raul Seixas. Krig-ha, Bandolo!</b>	1973	18	Sumo. Llegando los Monos	1986
42	Juanes. Un Día Normal	2002	17	<b>Karnak. Karnak</b>	1995
41	<b>Rita Lee &amp; Tutti Frutti. Fruto Proibido</b>	1975	16	Soda Stereo. Cancion Animal	1990
40	Zoé. Memo Rex Commander	2006	15	Natalia Lafourcade. Hasta la Raíz	2015
39	Puya. Fundamental	1999	14	Los Amigos Invisibles. The New Sound of the Venezuelan Gozadera	1998
38	Traffic Sound. Virgin	1969	13	Pescado Rabioso. Artaud	1973
37	El Gran Silencio. Chúntaros Radio Poder	2001	12	Caifanes. El Silencio	1992
36	Banda Nueva. La Gran Feria	1973	11	Santana. Abraxas	1970
35	Él Mató a un Policía Motorizado. La Síntesis O'Konor	2017	10	Julieta Venegas. Bueninvento	2000
34	<b>Os Paralamas do Sucesso. Selvagem?</b>	1986	9	Charly Garcia. Clics Modernos	1983
33	No Te Va Gustar. Este Fuerte Viento Que Sopla	2002	8	Maldita Vecindad y los Hijos del Quinto Patio. El Circo	1991
32	Los Tres. Fome	1997	7	Babasónicos - Jessico	2001
31	Eduardo Mateo - Mateo Solo Bien Se Lame	1972	6	<b>Os Mutantes. Os Mutantes</b>	1968
30	Santa Sabina. Santa Sabina	1992	5	Los Fabulosos Cadillacs. Fabulosos Calavera	1997
29	<b>Los Hermanos. Ventura</b>	2003	4	<b>Milton Nascimento e Lô Borges. Clube da Esquina</b>	1972
28	Mon Laferte. Vol. 1	2015	3	Aterciopelados - La Pipa de la Paz	1996
27	Totem. Totem	1973	2	Gustavo Cerati. Bocanada	1999
26	Carlos Vives. El Rock de mi Pueblo	2004	1	Café Tacvba. Ré	1994



# UM CLÁSSICO DE LENNON

“Across the universe” foi composta em 1968 pelo beatle em meio à crise, no pior momento da carreira da banda. Mas era a prova da fragilidade do músico, que não se sentia seguro e ficou irritado quando a banda deixou a canção de lado. Lançada em 'Let it Be', a obra foi redescoberta por Bowie

**Olímpio Cruz Neto**

**D**ifícil imaginar que uma das canções mais emocionantes dos Beatles tenha sido tratada com desleixo pelo grupo. “Across the universe” é considerada

uma das mais belas canções do genial compositor inglês John Lennon, que a compôs em 1968, assim que a banda começou a viver o inferno por conta da morte do empresário Brian Epstein. Ela passaria três anos relegada a uma das gavetas dos engenheiros da EMI, morando em Abbey Road, onde foi

gravada pela primeira vez ainda em fevereiro de 1968.

Reza a lenda que o engenheiro de som dos Beatles, Geoff Emerick, percebeu que John Lennon estava “diferente” quando gravou a canção. O afiado e sarcástico Lennon tinha sumido, dando vazão a um poeta reflexivo que tentava trabalhar com as

letras de maneira imagética.

“Words are flowing out like endless rain into a paper cup/ They slither wildly as they slip away across the universe/ Pools of sorrow, waves of joy are drifting through my opened mind/ Possessing and caressing me/ Jai Guru Deva, Om/ Nothing's gonna change my world”. Em tradução livre: *“As palavras estão fluindo como uma chuva sem fim num copo de papel/ Elas deslizam enquanto transcorrem através do universo/ Piscinas de mágoas, ondas de alegria estão atravessando pela minha mente aberta/ Me possuindo e me acariciando/ ‘Glória ao nosso Mestre e Senhor, Amém’/ Nada vai mudar meu mundo”*.

Este lado doce de Lennon surpreendeu a muitos dos fãs do grupo. Muitos anos depois, Lennon confessaria que quando trouxe a canção para mostrar a Paul McCartney, George Harrison e Ringo Starr, no estúdio da EMI, em 4 de fevereiro de 1968, ele estava “psicologicamente destruído”. O martírio começara antes, em agosto de 1967, quando Brian Epstein – tido como o ‘primeiro’ quinto beatle – havia morrido. Sob a direção de Paul, a banda assistira logo depois do verão ao seu primeiro fracasso comercial e artístico, o filme ‘Magical Mystery Tour’, severamente criticado quando foi exibido na BBC depois do feriado de Natal, em 26 de dezembro de 1967. Naquele mesmo período, Lennon tinha assumido o namoro com a artista plástica japonesa Yoko Ono, e Paul acabara a relação com a atriz Jane Asher.

Lennon havia escrito “Across the Universe” em sua mansão no subúrbio de Londres, em Weybridge, no Surrey, em algum momento durante o inverno. Deitado na cama, incapaz de dormir depois de uma

discussão com a sua primeira esposa Cynthia, ele se lembrou dela gemendo para ele: “As palavras estão fluindo como chuva sem fim em um copo de papel”. Ele escreveu a letra inteira de uma só vez sentado no chão. Era a rabugice doméstica e transformada em válvula de escape para um portal lisérgico que seria um convite a uma consciência superior.

Lennon estava intrigado com os ensinamentos de um guru in-

## A CANÇÃO ERA UM DESABAFO DOMÉSTICO TRANSFORMADA EM VÁLVULA DE ESCAPE PARA UM PORTAL DE UMA CONSCIÊNCIA SUPERIOR

diano. Ele e os Beatles haviam conhecido o Maharishi Mahesh Yogi no verão de 1967 e, em seguida, viajariam para Rishikesh, na Índia, para passar semanas no ashram do místico yogue. Ali, compuseram dezenas de canções que iriam ser incorporadas no ano seguinte ao clássico “The White Album”. “Across the universe” é desta leva.

Quando entraram no estúdio vindos da ressaca de “Magical Mystery Tour”, tudo parecia uma grande confusão. No início de 1968, tudo parecia incerto e é

possível ao ouvinte atento reparar na fragmentação estilística e na carga autoral de cada beatle que deixariam de trabalhar como uma banda para se transformarem em três compositores lapidando as próprias obras com a ajuda – nem sempre discreta ou amistosa – dos velhos parceiros de Liverpool. O próprio Lennon deixa entrever que aquela pequena pérola não parecia acabada. A estranha produção dos primeiros takes mostra uma obra incompleta, que ganharia muitas versões até sagrar-se como lapidar no último disco do quarteto.

Ao comentar a canção, recentemente, a crítica inglesa Kate Mossman, editora de artes da *New Stateman*, diz que “há uma paz meditativa na monotonia de Lennon” e que “a melodia tem uma simplicidade quase asceta – tente escrevê-la, e desafia o manuscrito, aparecendo como duas notas alternando para frente e para trás na página”. O refrão de mantra – “Jai guru deva, om” – é um tributo sânscrito ao guru pessoal do Maharishi, Guru Dev. De acordo com McCartney, muitos anos depois, o Maharishi não estava nada interessado no refrão da música “nada vai mudar meu mundo” porque em seu mundo, a meditação mudou tudo.

Lennon apresentou a música como um single em potencial, mas “Lady Madonna” de McCartney venceu, com sua parte de piano emprestada de “Bad Penny Blues” de Humphrey Lyttelton. McCartney assumira a liderança dos Beatles, para o desgosto de Lennon, que anos depois o acusaria de ser o verdadeiro responsável pelo fim do grupo. Mas o fato é que John Winston Lennon perdera a confiança na música, andava viciado em heroína e parecia perdido.

Só isso para explicar que apesar dele mesmo acreditar que aquela pequena pérola era uma de suas melhores letras, 'Across the universe' permaneceria engavetada ao longo dos próximos dois anos. A canção não entrou em 'Abbey Road' e nem mesmo no 'Álbum Branco'. Só ganharia espaço em 'Let It Be', quando o grupo estava esgotado e vinha pegando sobras de estúdio e velhas canções, como 'After 909' para dar fim ao álbum.

Houve muitos takes naquelas sessões de gravação de realizadas em fevereiro, incluindo uma pequena e delicada referência à comunidade de fãs brasileiros. A canção chegou a ser gravada por duas adolescentes, Lizzie Bravo e Gayleen Pease, retiradas da linha de "Apple scruffs" – as fãs obsessivas que realizaram uma vigília permanente do lado de fora dos estúdios da Abbey Road. Outra versão da obra seria doada ao comediante Spike Milligan para o álbum de caridade do World Wildlife Fund de 1969, 'No One's Gonna Change Our World', dublado com canto de pássaros. Esta foi a primeira versão da música a ganhar o público.

A versão que a maioria dos ouvintes em todo o mundo conhece foi finalizada pelo produtor Phil Spector. Para ódio de John Lennon, que acusaria Paul de tê-la deliberadamente arruinado o processo de gravação da música. "Ninguém estava me apoiando ou me ajudando com isso, mas passávamos horas fazendo uma pequena limpeza em detalhes nas canções de Paul. Quando se tratava de uma canção minha, de alguma forma aquela atmosfera de liberdade e casualidade – 'Vamos tentar alguns experimentos', repetia Paul – viria. Foi sabotagem subconsciente". Lennon não estava mentindo. A ver-

são mais bonita da canção só ganharia existência em 2003, quando Paul McCartney supervisionou o lançamento de "Let It Be... Naked", despojado das acréscimos de Phil Spector. A versão de "Across the universe" surge sem o coro e as cordas do lançamento original, e a voz de Lennon soa melhor, mais clara e envolvente. Pena que ele não estava vivo para ouvir essa me-

## DEPOIS DE BOWIE, NO FINAL DOS ANOS 90 A CANÇÃO SERIA DESCOBERTA POR FIONA APPLE E, NOS ANOS 2000, POR RUFUS WAINWRIGHT

lhor versão de sua obra.

Lennon apontava que a melhor versão de sua pequena pérola pop e telúrica nem de longe era a gravada pelos velhos amigos de Liverpool. Ele amava a cover de 1975 lançada por David Bowie, que consta do disco "Young Americans", na qual o próprio Lennon tocava guitarra rítmica – além desta, ele ainda cantava em outra ao lado de Bowie, "Fame".

Curiosa a preferência do beatle, porque o vocal de Bowie é afetado e histriônico em comparação com a versão original espaçada e anasalada de Lennon,

mas o velho gênio disse que preferia esta nova versão. Ele gostava de dizer que, enquanto McCartney não o apoiou em nenhum momento naquele período em que se assistiria à implosão dos Beatles, David Bowie o adorava e o idolatrava.

Os dois músicos ingleses se conheceram em 1974, numa festa organizada por Elizabeth Taylor em Los Angeles, onde começaram a esboçar canções e fragmentos de ideias de músicas pop um ao outro, trincados de tanta cocaína. É curioso imaginar isso, porque Bowie diria anos depois que tinha lampejos do que acontecera em 1974 e 1975, porque estava sempre drogado e em alta. O mesmo com Lennon, que passou o chamado "fim de semana perdido", depois que se separou de Yoko e passou a viver para cima e para baixo da Costa Leste à Costa Oeste ao lado da secretária May Ping.

Trinta anos após a primeira gravação da clássica lennoniana, a versão de 1998 de Fiona Apple de "Across the Universe" combina uma entrega pesada com produção afiada que dificilmente mexeu com a fórmula. Ela surge no vídeo, usando fones de ouvido e alheia ao que acontece, enquanto uma gangue de bandidos quebra o apartamento com tacos de beisebol sem som. Outra linda versão foi feita por Rufus Wainwright, em versão suave e cujo clipe traz a linda Dakota Fanning, inocente, carregando um balão vermelho em uma das mãos e as pessoas estão flutuando no ar. Podemos imaginar que as duas versões certamente teriam sido aprovadas por John. A mais comumente, contudo, é a que seria de Kurt Cobain, mas essa faixa que circula na internet não tem a voz do vocalista e sim alguém emulando o líder do Nirvana. •



# BRASIL

## 200 anos de lutas e resistências do povo trabalhador

Everaldo de Oliveira Andrade (Org.)

Ângela Maria de Sousa Silva | Berenice Gomes da Silva  
Carlos A. Ferreira Martins | Cynthia Soares Carneiro  
Eduardo Silveira Netto Nunes | Fernanda Rodrigues Galve  
Francisco das Chagas Pereira | Francisco Elias de Araújo  
Jean Pierre Chauvin | João Maurício Gomes Neto | John Kennedy Ferreira  
José Sergio Gabrielli de Azevedo | Kátia Cilene do Couto  
Lyndon de Araújo Santos | Marcelo Sampaio Carneiro  
Márcia Regina Barros da Silva | Raimunda N. Monteiro | Ronald Rocha  
Vitor Eduardo Schincariol | Zeneide Pereira Cordeiro



FUNDAÇÃO  
Perseu Abramo  
Partido dos Trabalhadores

HUCITEC  
EDITORA

MADRID - 24, 25 e 26 DE NOVEMBRO DE 2023

# VI EPTEX

ENCONTRO DE PETISTAS NO EXTERIOR



ORGANIZAÇÃO:



PARTIDO DOS TRABALHADORES

SECRETARIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS



PARTIDO DOS TRABALHADORES  
NÚCLEO DE MADRID



Núcleo  
Lisboa



FUNDAÇÃO

Perseu Abramo  
Partido dos Trabalhadores



NÚCLEO  
Comunidade  
Valenciana



NÚCLEO DA  
GALIZA

Madaba Br